

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
MARIANA GONÇALVES BARBOSA

GRAMATICALIZAÇÃO DE ADVÉRBIOS A PARTIR DE ADJETIVOS: UM
ESTUDO SOBRE OS ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS.

RIO DE JANEIRO

2006

Mariana Gonçalves Barbosa

**Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos:
um estudo sobre os adjetivos adverbializados.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Mário Eduardo Martelotta

Rio de Janeiro

2006

Barbosa, Mariana Gonçalves.

Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre os adjetivos adverbializados./ Mariana Gonçalves Barbosa. Rio de Janeiro, 2006.
xi, 103 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2006.

Orientador: Mário Eduardo Martelotta

1. Flutuação categorial de adjetivos para advérbios. 2. Teoria da Gramaticalização. I. Martelotta, Mário Eduardo. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Lingüística. III. Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre os adjetivos adverbializados.

Mariana Gonçalves Barbosa

Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos:
um estudo sobre os adjetivos adverbializados.

Rio de Janeiro, 29 de março de 2006.

Prof. Dr. Mário Eduardo Martelotta – UFRJ

Prof. Dr. Paulo José Tente da Rocha Santos Osório – UBI

Prof. Dra. Maria Luiza Braga – UFRJ

Prof. Dra. Mariângela Rios de Oliveira – UFF

Prof. Dra. Maria Maura da Conceição Cezario – UFRJ

Aos meus pais, meus ídolos.

A Deus, meu guia.

Agradecimentos

Aos meus pais, Alan e Fátima, os grandes responsáveis por tudo o que sou e por ter chegado até aqui, pelo grande apoio, incentivo e amor incondicional.

Aos meus irmãos, Alan Junior, Verônica e Daniel e ao sobrinho Guilherme, pela amizade, carinho e, é claro, por cederem tantas vezes o computador.

Aos demais familiares, pelo respeito e carinho em todas as horas.

Ao Samir, pelo amor, compreensão e paciência de sempre, pelas palavras de incentivo e pelo olhar de admiração. Enfim, pela grande felicidade que me proporciona.

Ao grande orientador Mário Martelotta, pela paciência e compreensão, pelo comprometimento, seriedade e competência com o trabalho.

A todos os professores que, de alguma forma, me serviram de modelo. Especialmente à professora Letícia Rebollo, alguém que tem grande vontade de aprender e grande preocupação em ensinar. Professora Célia Lopes, uma grande e competente pesquisadora e professora que jamais deixa de lado sua sensibilidade e extinto maternal.

Ao Luiz Herculano, pela amizade e importante participação no trabalho.

Aos integrantes do grupo Discurso & Gramática, pelo acolhimento desde a iniciação científica, pelo ambiente fraternal da sala H-314 e por todas as risadas em congressos.

Aos amigos Daniel e Bianca, pela grande amizade e companheirismo desde a adolescência.

Aos amigos de graduação Érica, Renilse, Joyce, Vivian e Leandro, por todos os papos em tempos vagos, os trabalhos de última hora e, principalmente, pela experiência de vida compartilhada e as palavras de incentivo.

Aos colegas de pós-graduação Michel e Fernanda, pela amizade, Simone, Karen e Roberta, pelas horas de viagem agradáveis juntas e Simone, em especial, pela ajuda com o grego. Ao Wendel, pela colaboração com latim. Ao Márcio, pelo grande incentivo ao ingresso no mestrado e espectador crítico do trabalho.

A Simone, pela ajuda no trabalho e pela amizade nesta nova etapa de minha vida.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração deste trabalho.

"'escrever claro' não é certo mas é claro, certo?
O importante é comunicar."

(Luís Fernando Veríssimo)

RESUMO

BARBOSA, Mariana Gonçalves. Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre os adjetivos adverbializados. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Analizamos, neste trabalho, adjetivos que, em contexto sintático-semântico típico de predicativo, permanecem invariáveis, apresentando comportamento adverbial. Nossa proposta é descrever as características do chamado adjetivo adverbializado, à luz de uma abordagem funcional, e mostrar que há, nesse caso, indícios de um processo de gramaticalização.

Para tal, observamos a ocorrência do fenômeno na fala carioca através dos *corpora* do Projeto Discurso & Gramática e do Projeto NURC-RJ. Os exemplos catalogados são analisados, a fim de compreendermos as motivações e restrições para que essa decategorização ocorra.

Sobre as características mais diretamente relacionadas ao adjetivo observamos que adjetivos avaliativos são mais freqüentes que os descritivos; os adjetivos que sofrem o processo em análise são mais freqüentes no discurso do que aqueles que bloqueiam o uso adverbial; na maioria dos casos, o adjetivo adverbializado não apresenta correspondência semântica com o advérbio em *-mente*; por fim, o adjetivo adverbializado tende a apresentar posição mais fixa na sentença imediatamente após o verbo a que se refere.

Já sobre os fatores mais vinculados ao verbo que sofre modificação pelo adjetivo adverbializado constatamos que, na maioria dos exemplos, ele é empregado intransitivamente na frase; os verbos materiais são os mais freqüentes no contexto em análise; os verbos catalogados apresentam maior variedade do que os adjetivos e aqueles que mais se repetiram apresentavam, na maioria das vezes, o mesmo adjetivo adverbializado, formando uma estrutura mais fixa.

Fatores de motivação extralingüística também foram observados e demonstraram que falantes adolescentes ou adultos, com baixo grau de escolaridade e em elocução informal tendem a favorecer o uso de adjetivos adverbializados.

Os resultados obtidos na análise apontam a instabilidade categorial entre adjetivos e advérbios como um processo de gramaticalização. Entre eles, temos: o caráter mais abstrato dos adjetivos que formam a estrutura em análise; sua alta freqüência, se comparado àqueles que não permitam uso adverbial; a fixação de posição imediatamente após o verbo; os adjetivos adverbializados constituem uma série fechada e, muitas vezes, formam uma expressão mais cristalizada; por ocorrerem, preferencialmente, na fala coloquial, apresentam maior freqüência no discurso, facilitando a gramaticalização.

ABSTRACT

BARBOSA, Mariana Gonçalves. Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre os adjetivos adverbializados. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

We analyze, in this research, adjectives that, in a syntactic-semantic context typical of predicative, remain invariable, presenting adverbial behavior. Our proposal is to describe the characteristics of the adverbialized adjective, in light of a functional approach, and show that there are, in that case, signs of a process of grammaticalization.

We observed the occurrence of the phenomenon in the *carioca* speech through the corpora of *Projeto Discurso & Gramática* and *Projeto NURC-RJ*. The catalogued examples are analyzed, in order to understand the motivations and restrictions for this de-categorization occurs.

About the characteristics most directly related to the adjective we observe that the evaluative adjectives are more frequent than the descriptive ones; the adjectives that undergo the process in analysis are more frequent in the discourse than the ones that block the adverbial use; in most of the cases, the adverbialized adjective does not present a semantic correspondence with the adverb with *-mente*; finally, the adverbialized adjective tends to fix position immediately after the verb.

Relating to the factors associated with the verb modified by the adverbialized adjective we noticed that, in most of the examples, it is employed intransitively in the sentence; the material verbs are the most frequent in the context in analysis; the catalogued verbs present a greater variety than the adjectives and the ones that were most occurred presented, most of the time, the same adverbialized adjective, forming a more fixed structure.

Factors of extra-linguistic motivation were also observed and showed that adolescent or adult speakers, that have low education degree and in informal elocution tend to favor the use of adverbialized adjectives.

The results obtained in the analysis point to the instability between the categories adjectives and adverbs as a process of grammaticalization. Among them, we have: the more abstract character of adjectives; their high frequency, if compared to the ones that do not permit adverbial use; the fixing of position immediately after the verb; the adjectives constitute a closed series and, many times, form a more crystallized expression; because they occur, preferably, in colloquial speech, they present more frequency in discourse, facilitating the grammaticalization.

Lista de Quadros

Quadro 1 – Membros lexicais e gramaticais das classes de palavras em espanhol	41
Quadro 2 – Tipo de adjetivo: avaliativo ou descritivo	75
Quadro 3 – Frequência de ocorrência dos itens lexicais recrutados para formar adjetivos adverbializados	76
Quadro 4 – Frequência de ocorrência dos itens lexicais que não são recrutados para formar adjetivos adverbializados	78
Quadro 5 – Ausência ou presença de correspondência entre o adjetivo adverbializado e o advérbio com sufixo <i>-mente</i>	79
Quadro 6 – Posição do adjetivo adverbializado em relação ao verbo	82
Quadro 7 – Transitividade do verbo modificado pelo adjetivo adverbializado	84
Quadro 8 – Tipo semântico do verbo	88
Quadro 9 – Variedade de adjetivos adverbializados e verbos por eles modificados	89
Quadro 10 – Grau de escolaridade do falante	91
Quadro 11 – Média de idade do falante	92
Quadro 12 – Nível de formalidade da elocução	93

Sumário

I – Introdução	12
1.1 – Metodologia	16
II – Revisão da literatura	19
2.1 – Gramáticas tradicionais	19
2.2 – Trabalhos de orientação lingüística	23
2.2.1 – A análise de Mattoso	24
2.2.2 – A análise de Basílio	24
2.2.3 – A análise de Hummel	27
2.2.4 – A análise de Lobato	30
2.2.5 – A análise de Vidal	34
2.2.6 – A análise de Reis	35
III – Referencial teórico	38
3.1 – A teoria da gramaticalização	38
3.1.1 – Gramaticalização e lexicalização segundo Brinton e Traugott	41
3.1.2 – Características da gramaticalização	44
3.1.3 – Princípios de gramaticalização	46
3.1.3.1 – Camadas (<i>Layering</i>)	46
3.1.3.2 – Divergência (<i>Divergence</i>)	47
3.1.3.3 – Especialização (<i>Specialization</i>)	47
3.1.3.4 – Persistência (<i>Persistence</i>)	47
3.1.3.5 – Decategorização (<i>de-categorialization</i>)	48
3.1.4 – Mecanismos de gramaticalização	49
3.1.4.1 – Mecanismo de natureza metafórica	49
3.1.4.2 – Mecanismo de natureza metonímica	50
3.2 – O princípio da iconicidade	53
IV – Adjetivos adverbializados	56
4.1 – Usos de adjetivos adverbializados em outras línguas românicas	60
4.2 – O uso de adjetivos adverbializados no latim	62
4.3 – O uso de adjetivos adverbializados em outras línguas	68
4.4 – O uso de adjetivos adverbializados e a gramaticalização	70

V – Análise dos dados	73
5.1 – Os tipos de adjetivo	74
5.2 – A frequência dos adjetivos	76
5.3 – Relação entre o adjetivo adverbializado e o advérbio em <i>-mente</i>	79
5.4 – Posição em relação ao verbo	81
5.5 – Transitividade verbal	84
5.6 – Os tipos de verbo	85
5.7 – A variedade de adjetivos adverbializados que costumam modificar os verbos mais freqüentes	88
5.8 – Fatores de motivação extralingüística	91
VI – Conclusão	94
VII – Referências bibliográficas	96

I – INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma análise, de base funcionalista, da instabilidade categorial entre adjetivos e advérbios no português contemporâneo do Rio de Janeiro. Hummel (2002a) afirma que se trata de um fenômeno bastante comum no português – sobretudo no português do Brasil – o uso de adjetivos em contextos sintático-semânticos determinados, em que eles assumem valor de advérbios. Aliás, ainda segundo o autor, esse fenômeno é bastante comum nas línguas românicas, o que permite concluir sua produtividade no latim vulgar¹. Nesse sentido, buscamos elaborar, neste trabalho, uma descrição do processo, investigando os fatores que o motivam no português do Brasil.

Antes, porém, cabe registrar as relações existentes entre as classes adjetivo e advérbio. Sobre isso, Hummel (2002a) esclarece que:

Ambas as categorias têm função de atributo: atribuem uma característica (o seu significado lexical) a uma outra palavra. No caso do adjetivo, esta outra palavra é um substantivo, no caso do advérbio, um verbo (*corre rápido, corre rapidamente*) ou até, em construções que não nos interessam aqui, um adjetivo (*altamente importante*), um outro advérbio (*bem rapidamente*) ou um enunciado (advérbio de frase).

Pelo que está reproduzido acima, podemos notar que ambas as categorias apresentam fronteiras bastante tênues e facilmente transpassáveis. Essa estreita relação entre as duas categorias está também registrada em trabalhos como os de Ilari et al. (1996) e Castilho (1998-1999), Martelotta (2005), apenas para citar alguns.

Mas o mais importante é compreender que, em uma visão dinâmica do funcionamento da língua típica de lingüistas funcionalistas como Givón (2001), Hopper (1998), esses elementos são provenientes uns dos outros pela atuação de diferentes processos de extensão semântica e morfossintática.

O que queremos registrar aqui é que os advérbios são provenientes de desenvolvimentos sofridos por adjetivos. No caso do português contemporâneo, temos vocábulos que já apresentam função de advérbios e sua origem como elemento adjetivo pode ser detectada no latim. É o caso de *mal*, por exemplo, que já funcionava como advérbio no latim através da forma *male*, proveniente do adjetivo de primeira classe *malus - a - um*

¹ Esse processo existe no latim clássico. Barreto (1980) e Climent (1945) apresentam contextos em que isso ocorre. O fenômeno ocorre, ainda, conforme será demonstrado mais adiante, em grego antigo, em inglês, francês, espanhol, romeno, entre outras línguas.

(Martelotta e Silva e Silva: 1997; Silva e Silva: 2001). Temos ainda, na nossa língua, adjetivos derivados em *-mente*, para formar advérbios (*rapidamente, tranqüilamente*, entre outros) e os usos aqui chamados de adjetivos adverbializados (pensar *alto*, custar *caro*, entre outros), que constituem o foco desta análise².

Os adjetivos adverbializados se manifestam em contextos em que o adjetivo, assumindo posição semelhante à do predicativo, permanece invariável, caracterizando não propriamente o substantivo, mas o verbo³:

- (1) a. Ela corre **rápido**.
b. Eles falam **alto**.

Casos como esses, nas palavras de Hummel (2002a), “são advérbios mesmo. Por isso, podemos substituir *correr rápido* por *correr rapidamente*”. Entretanto, isso não ocorre com *alto* no exemplo (1b): não é possível substituir *falar alto* por *falar altamente*, sem que o sentido se perca. Esse fato será analisado no decorrer deste trabalho.

A proposta aqui é fazer uma análise desses usos, observando os possíveis fatores que contribuem para que adjetivos se comportem como advérbios, buscando assim detectar as motivações para essas ocorrências e observar a natureza do processo pelo qual se dá a decategorização (Hopper: 1991) que nelas se verifica.

Desenvolveremos a proposta de que esse fenômeno não deve ser compreendido como um processo de formação de palavras no sentido de Basílio (2002), já que reflete movimentos funcionais de mudança lingüística, normalmente associados a processos de gramaticalização, como decategorização, perda de caráter lexical, perda de flexão, fixação na sentença, entre outros.

Pretendemos, então, analisar alguns fatores, que, por hipótese, se relacionam ao fenômeno. Entre esses fatores, foram observados, em relação ao adjetivo, os tipos de adjetivos que sofrem mais comumente a mudança e a sua frequência de ocorrência, a relação de sentido entre o adjetivo adverbializado e o advérbio correspondente com sufixo *-mente*, assim como a colocação do adjetivo adverbializado na sentença, tomando como base o verbo. Como fatores vinculados ao verbo, analisamos a transitividade, o tipo semântico do verbo vinculado ao

² Cabe registrar o trabalho de Martelotta e Frederico (2005), que apresenta o desenvolvimento do valor adjetivo do vocábulo *mesmo* na direção de usos adverbiais.

³ Há um outro contexto em que ocorre flutuação entre as categorias de adjetivo e advérbio que se caracteriza pela justaposição de dois adjetivos, sendo que um deles determina o outro (Ela estava meio cansada). Por ser mais restrito, esse fenômeno não vai ser observado neste trabalho.

fenômeno e a sua frequência. Foram checados, ainda, a escolaridade e a idade do falante e o nível de formalidade de sua elocução.

A escolha desses fatores está associada a algumas hipóteses:

a) Os adjetivos avaliativos são mais comuns neste contexto do que os descritivos⁴. Esperamos, portanto, encontrar mais casos de adjetivos avaliativos, que expressam uma apreciação mais abstrata e subjetiva, em contextos típicos de adjetivos adverbializados, com base em Traugott (1995), Tarbor e Traugott (1998) e Traugott e Dascher (2002), trabalhos que apontam o processo de subjetivização como uma das características básicas da gramaticalização.

b) Os adjetivos que sofrem a mudança aqui analisada têm uma maior frequência de ocorrência no discurso do que aqueles com que o fenômeno não ocorre. O fato de serem mais frequentes torna esses adjetivos mais propícios ao processo de gramaticalização (Bybee: 2003) e Heine (2003).

c) Tende a haver uma forte distinção de sentido entre o adjetivo adverbializado e o advérbio correspondente com sufixo *-mente*. Esta hipótese se baseia no princípio funcionalista da iconicidade (Cunha, Oliveira e Martelotta: 2003), retomado na gramática de construções através do princípio da não sinonímia (Godberg: 1995). Nesse sentido, diferentes estruturas sintáticas tendem a ser diferentes do ponto de vista semântico e pragmático.

d) Os adjetivos com valor de advérbio tendem a ocorrer imediatamente após o verbo a que se referem, assumindo uma posição mais fixa na sentença, como é próprio do processo de gramaticalização (Hopper e Traugott: 1993).

e) O verbo modificado pelo adjetivo adverbializado tende a ser empregado intransitivamente⁵, ou seja, sem a presença do objeto na frase.

f) Os adjetivos adverbializados, assim como os advérbios de modo em geral, modificam mais comumente verbos materiais (Martelotta: 2004).

⁴ Aqui está sendo utilizada a noção de frequência de tipo, em oposição à noção de frequência de ocorrência, utilizada para a hipótese apresentada no item *b*. Os dois tipos de frequência são retirados de Bybee (2003).

⁵ A noção de transitividade aqui adotada é a da gramática tradicional.

g) Tendo em vista que os elementos gramaticalizados, em geral, constituem uma classe fechada, como vemos em Heine: (2003) e Brinton e Traugott (2002), os adjetivos adverbializados se apresentam em número limitado e em quantidade menor do que a variedade de verbos que normalmente aparecem na construção.

h) A produtividade do fenômeno é maior quando se trata de falantes menos escolarizados, em fase adulta e em contextos mais informais. Hummel (2002a) afirma que os adjetivos adverbializados predominam em falantes menos escolarizados e em contextos menos formais, em função disso, acreditamos que o fator *idade* também pode estar relacionado ao fenômeno.

Dessa forma, o presente trabalho está dividido em sete capítulos. O primeiro deles apresenta o tema a ser desenvolvido, delimita o trabalho que será realizado e propõe hipóteses vinculadas ao uso de adjetivos como advérbios, que motivarão as análises sobre o fenômeno. Além disso, oferece informações detalhadas sobre os *corpora* que facilitam a compreensão dos resultados a serem obtidos.

No capítulo dois, buscamos fazer uma revisão da literatura tradicional e de orientação lingüística dos trabalhos que pudessem contribuir com informações sobre o tema em estudo. Ainda que muitas críticas sejam levantadas a respeito dos trabalhos lidos, reconhecemos a importância de cada um deles e tivemos, em muitos casos, impulsos e investigações provocadas por essas leituras.

No terceiro capítulo, temos o processo de formação de advérbios a partir de adjetivos vinculado ao processo de gramaticalização. Traço que, até onde sabemos, constitui novidade no que diz respeito aos estudos sobre o tema.

Já o capítulo quatro objetiva uma apresentação dos chamados adjetivos adverbializados. Menciona, por um lado, particularidades e, por outro, generalizações sobre o fenômeno que ocorre nas mais diversas línguas.

Em seguida, no capítulo cinco, trataremos das análises propostas nas hipóteses. Apesar dos resultados expostos, ela será de cunho avaliativo e objetivará uma melhor descrição do fenômeno e a comprovação de que, de fato, se trata de um caso de gramaticalização.

Sem de forma alguma pretender a exaustão do tema, nos propusemos, no sexto capítulo, a tecer conclusões sobre a instabilidade entre adjetivos e advérbios no português brasileiro. Tentaremos fazer com que este trabalho represente mais uma contribuição interessante sobre o tema.

Por fim, o sétimo e último capítulo oferece nossas fontes de pesquisa e dados. Referência mais do que justa a todos os autores que contribuíram para a formação deste trabalho.

Tendo em vista o grande número de exemplos apresentados ao longo deste trabalho, sua numeração foi reiniciada a cada capítulo a fim de facilitar a consulta dos mesmos.

1.1 – Metodologia

Para coleta de dados, utilizamos os *corpora* do Projeto Discurso & Gramática e Projeto NURC-RJ. Os *corpora* foram selecionados de modo a termos tanto registros mais informais, como os que caracterizam o *corpus* do Projeto Discurso & Gramática, quanto elocuições mais formais, como o que se vê no *corpus* do Projeto NURC-RJ. Assim, seria possível observar se o nível de formalidade influenciaria no uso de adjetivos adverbializados.

O *Corpus* Discurso & Gramática (Oliveira e Votre: 1995) foi elaborado por membros do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, criado pelo professor Sebastião Josué Votre no início da década de 1990⁶. O *corpus* é constituído de um conjunto de entrevistas faladas e escritas, concedidas por falantes de CA infantil e adulto, 4^a e 8^a séries do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. Esses informantes, em uma situação de relativa informalidade, eram solicitados a contar uma história que eles tivessem vivenciado e uma história que eles tivessem ouvido de alguém, a descrever um local, a relatar os procedimentos necessários para se concretizar alguma atividade e a dar sua opinião acerca de algum tema polêmico. Assim o *corpus* apresenta os seguintes tipos de discurso: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. Logo após terem suas falas gravadas pelos entrevistadores, os informantes escreveram, com a maior fidelidade possível, o que eles tinham acabado de falar.

O *corpus* do NURC⁷, desde o início de suas atividades no Brasil, a partir de 1970, assumiu o objetivo de levantar a modalidade culta da língua falada de cinco capitais brasileiras Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Este Projeto visa ao estudo da fala culta, média, habitual, através de uma documentação sonora capaz de fornecer dados precisos sobre a nossa língua, respeitadas as diferenças culturais de cada região. O Projeto NURC-RJ segue esta tendência, buscando a utilização culta da língua no Rio de Janeiro.

⁶ Para maiores detalhes ver o endereço eletrônico www.discursioegramatica@clic3.net

⁷ Para maiores detalhes ver o endereço eletrônico www.lettras.ufrj.br/nurc-rj

Para observar o nível de escolaridade do falante que, com maior frequência, emprega os adjetivos adverbializados, foi utilizado apenas o *corpus* Discurso & Gramática por ser o único a escolher seus informantes tendo, como critério, organizá-los por escolaridade. Conforme já foi dito, o *corpus* do Projeto NURC-RJ apresenta apenas elocuições de falantes considerados cultos, ou seja, com o Ensino Superior concluído.

É importante comentar que, apesar de o fenômeno ocorrer na escrita e na fala, analisamos apenas os registros orais dos *corpora* citados, pois verificamos, em um levantamento preliminar feito no *corpus* Discurso & Gramática, que o fenômeno é mais produtivo na oralidade.

Antes de iniciarmos a análise, foram desprezados do *corpus* do Discurso & Gramática os relatos escritos dos informantes e, de ambos os *corpora*, qualquer tipo de registro dos entrevistadores, de modo que fosse possível contabilizar apenas os relatos orais de informantes.

Dessa forma, obteve-se, após essa seleção, no *corpus* do Projeto Discurso & Gramática, 86.086 palavras, já no *corpus* do Projeto NURC-RJ, 287.246 palavras, somando um total de 373.337 palavras. Tendo em vista que mais à frente serão apresentadas algumas análises que privilegiam a frequência do termo analisado em relação ao total de palavras contabilizadas, pareceu-nos relevante a apresentação precisa do tamanho de cada *corpus*.

Como podemos ver, o *corpus* do Projeto NURC-RJ é muito maior que o do Projeto Discurso & Gramática, por isso, fizemos algumas análises proporcionalmente, buscando evitar enganos. Ou seja, na análise de alguns fatores, os percentuais são resultantes da razão entre número de ocorrências de adjetivos adverbializados por quantidade de palavras contidas nos *corpora*. Buscamos, com isso, impedir uma possível distorção numérica decorrente da grande diferença entre o volume discursivo produzido.

Em relação à frequência, cabe esclarecer, com base em (Bybee: 2003), os termos *frequência de ocorrência* e *frequência de tipo* que serão empregados ao longo do trabalho. A frequência de ocorrência é aquela que contabiliza cada emprego de uma determinada forma em um determinado *corpus*. Já a frequência de tipo registra a variedade de formas.

No caso dos adjetivos adverbializados, podemos dizer que a frequência de tipo se divide, por exemplo, entre adjetivos avaliativos e descritivos, conforme será explicado mais adiante. Sobre a frequência de ocorrência, temos o número de vezes em que um adjetivo como *alto*, por exemplo, ocorreu nos *corpora* em função adverbial.

Buscamos catalogar os exemplos em que ocorria instabilidade categorial de adjetivos para advérbios, tendo sido encontrado o total de 167 exemplos. Em seguida, foram observados em cada ocorrência encontrada:

- a) a frequência de tipo dos adjetivos que sofrem o processo;
- b) a frequência de ocorrência referente ao aparecimento desses adjetivos nos *corpora*, assim como a de alguns adjetivos que, aparentemente, não sofrem gramaticalização;
- c) a existência ou não de uma forma correspondente em *-mente* com valor semelhante;
- d) a posição do adjetivo adverbializado em relação ao verbo;
- e) a transitividade do verbo;
- f) o tipo semântico do verbo vinculado ao fenômeno;
- g) a frequência de tipo dos adjetivos adverbializados e a dos verbos por eles modificados.
- h) o grau de escolaridade e idade do falante e o nível de formalidade em que o adjetivo adverbializado foi empregado;

II – REVISÃO DA LITERATURA

Dividimos a revisão da literatura referente ao presente trabalho em duas partes distintas. A primeira remete às considerações dos gramáticos de orientação tradicional – entre os quais incluímos alguns autores interessados na evolução histórica do português – sobre os contextos de instabilidade entre as categorias de adjetivo e de advérbio. A segunda parte faz menção às análises de orientação teórica de base lingüística a respeito desses contextos, sempre na tentativa de viabilizar a compreensão do fenômeno.

2.1 – Gramáticas tradicionais

Os gramáticos tradicionais, de um modo geral, não falam sobre a questão do adjetivo adverbializado e, quando se referem ao problema, não apresentam uma análise aprofundada. Vejamos agora que informações as gramáticas tradicionais apresentam a respeito do fenômeno.

Poucos são os gramáticos tradicionais que mencionam a questão dos adjetivos adverbializados. Pereira (1943), Melo (1970) e Rocha Lima (1983) apenas mencionam, em capítulos referentes a adjetivos ou a advérbios, a possibilidade de ocorrência dos adjetivos adverbializados, sem fazer maiores comentários.

Bechara (2003: 294) também trata da “adverbialização dos adjetivos”, admitindo que muitos adjetivos, permanecendo invariáveis, podem passar a funcionar como advérbios. Segundo o autor, o critério que diferencia as duas classes está relacionado à variabilidade do adjetivo em oposição à invariabilidade do advérbio. O que é interessante no texto de Bechara (2003: 295) é a visão de que a fronteira entre o adjetivo e o advérbio, nesses casos, pode se desfazer em função de concordância atrativa e de intenções estilísticas e rítmicas, passando uma idéia de que a construção com predicativo e a construção com adjetivo adverbializado estão relacionadas, diferenciando-se apenas pela concordância.

Essa visão aparece mais desenvolvida em Cunha (1990: 265)⁸, que se detém um pouco mais no assunto. Ao comentar o uso adverbial do adjetivo, o autor relaciona esse caso com o emprego do adjetivo em função predicativa, em que há a concordância com o sujeito,

⁸ Em Cunha e Cintra (1985) o fenômeno é apenas mencionado e alguns poucos exemplos são apresentados.

argumentando que, embora o adjetivo sirva de predicativo do sujeito, ele “modifica a ação expressa pelo verbo e assume, de alguma forma, um valor também adverbial”.

Cunha (1990) continua, dizendo que, se o predicativo for trocado por um advérbio em *-mente*, a concordância se desfaz e, conseqüentemente, desaparece o “elo que prendia o adjetivo ao sujeito, e, com isso, faz aflorar com toda a nitidez o modo por que se processa a ação indicada pelo verbo”. Como exemplo, o autor utiliza o verbo *seguir*, através das frases abaixo:

- (1) a. O cavalo seguia **vagaroso** pela estrada.
- b. O cavalo seguia **vagarosamente** pela estrada.

Em seguida, o autor comenta o que ele chama de “valor fronteiro” entre adjetivo e advérbio, citando os exemplos em língua escrita:

- (2) a. Falavam **alto**, comentando ainda as peripécias do leilão.
- b. Portanto a Maria pagou **caro** e por junto todas as contas.
- c. D. Felismina sorriu **amarelo**

Segundo o autor, as palavras *alto*, *caro* e *amarelo*, nos exemplos acima, são advérbios, razão por que ficam invariáveis.

Esse uso é apresentado novamente, na página 504, em que o autor, ao mencionar o emprego de uma seqüência de advérbios em *-mente*, ressalta o efeito do emprego do adjetivo adverbializado *claro*, no seguinte exemplo de Lima Barreto:

- (3) Nada omitiu de seu pensamento; falou **claro**, franca e nitidamente.

Na página 121, Cunha (1990) apresenta o processo de derivação imprópria, caracterizando-o com o seguinte fato: “as palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação de forma”. A passagem de adjetivo para advérbio é apresentada como um dos casos **possíveis** desse processo (ler *alto*, falar *baixo* e custar *caro*). Curiosamente, o autor termina a parte referente à derivação imprópria com a seguinte observação⁹:

⁹ Já em Cunha e Cintra (1985), a passagem de adjetivo a advérbio não está colocada entre os casos possíveis de derivação imprópria.

A rigor, a derivação imprópria (também denominada conversão ou habilitação por lingüistas modernos) não deve ser incluída entre os processos de formação de palavras que estamos examinando, pois pertence à área da semântica, e não à da morfologia. (p.121)

A análise de Cunha (1990), embora bastante limitada no sentido de que não chega a explicar o fenômeno desse tipo de adjetivo adverbializado, é interessante, porque relaciona a construção com adjetivo adverbializado à construção com predicativo do sujeito, sugerindo que, nesta última, o adjetivo, embora flexionado, já tem algo de advérbio e mantém apenas a flexão como elemento que o relaciona ao substantivo. Além disso, passa a idéia, embora de modo bastante resumido, de que a passagem de adjetivo para advérbio, aqui estudada, não constitui um processo de natureza morfológica.

Perini (1989), ao tratar das “concepções de ‘classe’”, critica a categorização feita pelas gramáticas tradicionais, alegando que essa classificação não permite casos intermediários. Para mostrar essas ocorrências, o autor utiliza os seguintes exemplos:

- (4) a. Aauto fala **alto**
- b. *Aauto fala **bom**
- c. Aauto fala **seriamente**

De acordo com Perini (1989), apesar de *alto* e *bom* serem igualmente classificados como adjetivos, eles se diferenciam, no mínimo, pela possibilidade de *alto* ocorrer em construções como a ilustrada em (4a) e *bom* não possibilitar essa estrutura, como mostra (4b). O autor afirma que o traço que distingue essas duas formas é o que define os advérbios como *seriamente*, exemplificado em (4c) e diz, ainda, que *alto* tem um comportamento gramatical mais próximo do dos advérbios como *seriamente* do que *bom*.

Diante disso, o autor aponta como única maneira de se tratar tais casos, dentro da visão clássica, a inserção de subclasses. Contudo, Perini (1989) alega que casos como o de *alto* são extremamente freqüentes e que os limites entre as classes não são nítidos, assim, muitos itens se colocam em posições intermediárias. Dessa forma, ele avalia como inadequada a criação de uma nova classe para cada vez que um item se distingue minimamente dos demais.

A solução apresentada por Perini (1989) é “um sistema de traços capaz de descrever de maneira discreta e precisa (e, em última análise, exaustiva) o comportamento gramatical das palavras”. A sugestão é fazer o sistema de descrição por traços distintivos, como se usa em fonologia. Assim, um dos traços propostos pelo autor, que definiria o fenômeno aqui

analisado é “a propriedade do adjetivo de ocorrer após verbo e sintagma nominal opcional, sem concordar, formando a seqüência um sintagma verbal”.

De fato, a proposta feita pelo autor auxiliaria a descrição do fenômeno em estudo. Contudo, não se mostrou muito diferente da perspectiva tradicional. Além disso, não visualiza a língua como algo contínuo e sujeito a constantes mudanças.

Vilela (1999), ao tratar da relação de predicação e posição do adjetivo, afirma que os adjetivos podem funcionar adverbialmente e, em certos casos, segundo o autor, constituírem “fórmulas já lexicalizadas”, como em *falar/chorar/rir alto/baixo, comprar/vender/custar caro/barato, respirar fundo*, etc. No entanto, apesar de ter a virtude de mencionar a existência dessas estruturas, o autor não dá explicação alguma sobre elas.

No capítulo dedicado aos advérbios, Vilela (1999), após mencionar a produtividade dos advérbios com sufixo *-mente*, apresenta um outro processo, segundo ele, “relativamente produtivo” de formação de advérbios, trata-se da adverbialização do adjetivo. Os exemplos apresentados pelo autor foram:

- (5) a. Mãe e filha falavam tão **alto** que se ouvia do outro lado da rua
- b. Eles votaram **laranja**
- c. Eles vestem **jovem**
- d. Ela pagou **caro** o que fez
- e. Eles vendem **barato** quando não o podem fazer **caro**
- f. Ela, quando se sente protegida, fala **grosso**

Sobre eles, o autor afirma que as formas destacadas são advérbios dependentes e intransitivos. Vilela (1999) explica que o termo *dependentes* refere-se ao fato de estarem sujeitos à compatibilidade semântica de outro elemento, seja verbo, adjetivo ou grupo nominal, mas estão sempre em dependência dos elementos que modificam. Para ilustrar a dependência verbal, ele cita os seguintes exemplos:

- (6) a. – Ele sabe ler? – Fluientemente / Corretamente
- b. – Ele sabe conduzir? – *Fluientemente / *Corretamente

Para mostrar uma possível dependência do adjetivo o autor usa o exemplo a seguir:

- (7) – Ela é muito/ pouco/ nada/ bem/ ainda/ *então/ *horrorosamente linda, etc.

Vilela (1999) destaca que essa dependência semântica não deve se confundir com a sintática que, segundo ele, é consequência da primeira e se relaciona com a possibilidade de deslocamento na frase.

No que diz respeito ao caráter intransitivo dos advérbios, o autor apenas diz que eles são intransitivos “por nenhum elemento depender do advérbio”. Vilela (1999) não dá maiores explicações sobre essa classificação.

Souza da Silveira (1952: 189) não entra em detalhes ao afirmar que o “adjetivo empregado como advérbio, às vezes, concorda por atração com o adjetivo que modifica, ou como o substantivo ou pronome a que se refere”. Cita Camões para exemplificar o caso da concordância com o substantivo (...cuidou comprá-la mais *barata*).

Aliás, embora alguns autores como Huber (1986) e Adrião (1945) admitam, em estágios mais antigos da evolução histórica do português antigo, a existência de adjetivos que se mantêm inalterados quando usados adverbialmente, isto é, no masculino, outros autores passam a idéia de que havia uma tendência maior de concordar o adjetivo com o sujeito. Jucá Filho (1945) afirma que hoje construções como essas tendem a ocorrer na forma invariável (...custou-me mais *caro*) e atribui a isso uma influência do latim, que em lugar do predicado tendia a apresentar “a circunstância do preço”. O autor sustenta a afirmação com exemplos latinos como *caro constare* (*custar caro*), *carissime uendere* (vender caríssimo), entre outros¹⁰.

2.2 – Trabalhos de orientação lingüística

Tendo em vista que os gramáticos tradicionais que abordam o assunto o tratam de maneira superficial, buscamos outras fontes de análise em trabalhos de orientação lingüística, entendendo por isso, trabalhos desenvolvidos com base em alguma escola da lingüística a partir do estruturalismo, que, segundo alguns autores marca o início da lingüística moderna. De um modo geral, esses trabalhos observam os adjetivos adverbializados como um fenômeno produtivo e que reflete questões lingüísticas interessantes.

¹⁰ Pereira (1935) admite ser freqüente o uso de adjetivo com função de advérbio, como falar *alto*, ler *baixo* e contar *certo*, que atribui a uma “imitação” do latim.

2.2.1 – A análise de Mattoso

Mattoso Câmara Jr. (1968), ao definir derivação, em seu dicionário de filologia e gramática, afirma que, em *vender caro*, *caro* é advérbio e não adjetivo. O fenômeno é considerado, pelo autor, um processo de formação de palavras que se dá por meio de derivação. Para ele, a chamada derivação imprópria é mais bem definida como derivação por sufixo zero. O que é interessante na análise de Mattoso (1968), é fato de ele, aparentemente, considerar que a mudança de função está relacionada à construção da frase e não à estruturação com sufixo.

Ou seja, as poucas palavras que o autor dedica ao fenômeno refletem uma visão de que a questão morfológica, de certa forma está subordinada à questão sintática, já que, segundo ele, o novo uso “decorre da construção frasal e não de uma mudança de forma por estruturação com sufixo”. A análise que adotamos neste trabalho reflete essa visão sintática do fenômeno, buscando o seu aprofundamento.

2.2.2 – A análise de Basílio

Basílio (2002) define o fenômeno aqui observado como conversão, já que ocorre a mudança de classe adjetivo/advérbio, sem alteração na forma fonológica. Em sua perspectiva, esse é um processo de formação de advérbios em português.

A autora considera que as classes de palavras são definidas por critérios semânticos, sintáticos, morfológicos e/ou funcionais e que itens lexicais que apresentam propriedades integrais de mais de uma classe devem ser considerados como dois itens lexicais distintos, embora relacionados.

Tratando de formas adjetivas, ocorrendo em função de advérbio, a autora determina duas características relevantes para a oposição das classes: a função de qualificador do substantivo e a concordância em gênero e número. A contraparte adverbial caracteriza-se pela função de qualificador do verbo e o caráter de forma invariável. Sendo assim, para a autora, a flexão é de fundamental importância para o estabelecimento da diferença entre predicativo do sujeito e qualificador do verbo.

Analisando tipos de verbos e adjetivos utilizados no processo, Basílio (2002) concluiu que há restrições às possibilidades de combinação tanto de natureza semântica, como mostram os exemplos em (8), quanto de natureza sintática, conforme podemos ver em (9):

- (8) a. Maria falou **baixo**.
b. *Maria decidiu **baixo**.
- (9) Elas acharam ***errado/*razoável**...

Segundo a autora, as propriedades de *achar* forçam uma interpretação adjetiva, como se vê na oposição em:

- (10) a. Elas acharam **errado** que João saísse.
b. Elas acharam **erradamente** que João sairia.

Além disso, temos, segundo Basílio (2002), as razões de uso ou nível de formalidade, como em:

- (11) a. Ela sacou **certo**.
b. *Ela decidiu **correto**.

É importante destacar que os exemplos (8), (9), (10) e (11) foram citados pela autora e não nos parece tão segura a afirmação de que *errado*, no exemplo (9), não poderia ser empregado em função adverbial.

Segundo Basílio (2002), a chamada conversão é característica da fala coloquial e, em maioria, com adjetivos qualificativos, se comparados aos descritivos. A autora afirma, ainda que as formações se restringem a adjetivos usáveis em linguagem coloquial. O aspecto morfológico dessas restrições é que adjetivos primitivos e derivados em *-ado* e *-oso*, por exemplo, são normais em uso coloquial e descritivo. Por outro lado, os adjetivos em *-ico*, *-al*, *-ório* ou *-ivo*, são normalmente utilizados em função descritiva e em situações mais formalizadas.

De fato, a incidência de adjetivos chamados pela autora de qualificativos são mais frequentes neste contexto de oscilação categorial, isso posteriormente será analisado neste trabalho, porém sob a denominação de avaliativos. No entanto, afirmar que as formações adverbiais se restringem a adjetivos usáveis em linguagem coloquial, seria desconsiderar exemplos como os apresentados por Hummel (2002a), transcritos em (12), visto que *manso* e *tosco* não fazem parte do uso cotidiano do falante brasileiro.

- (12) a. Chego a chorar **manso** de tristeza (Lispector: 89)
b. já escrevo **tosco** e sem ordem (Lispector: 14)

Basílio (2002) apresenta alguns pontos que, segundo ela, favorecem a análise dos casos em questão como conversão de adjetivo para advérbio. Primeiramente, a ausência de concordância com o sujeito, caracterizando função de modificador do verbo, ou seja, função adverbial.

O segundo fator, de caráter morfológico, é que, na maioria dos casos, não há correspondência entre o adjetivo adverbializado e o advérbio em *-mente*. Na opinião de Basílio (2002), isso sugere que a conversão é uma alternativa morfológica para o processo de formação de advérbios.

Por outro lado, a autora apresenta como outra propriedade adverbial a semântica de modo, presente na intercambialidade com formas em *-mente*, como em (13) e na potencialidade de substituição por outra expressão de modo, como mostra (14):

(13) Maria falou **sério**/seriamente.

(14) Ela começou **errado**/de modo errado.

Ambos exemplos da autora que aponta, também, a possibilidade de responder perguntas introduzidas com *Como?*, conforme mostra mais um exemplo citado por ela:

(15) Como é que Maria fala?

– **Alto/desafinado/gostoso/esganiçado...**

Outro aspecto seria a posição fixa posterior ao verbo, contrária a do adjetivo, que pode se antepor ao elemento qualificado. Mais uma característica adverbial dessas formas seria seu uso com imperativo.

Assim, Basílio (2002) conclui que existem duas possibilidades de formação de advérbios no português falado: o acréscimo do sufixo *-mente* e o processo de conversão.

A autora oferece argumentos bastante válidos para afirmar que de fato ocorre um comportamento adverbial das formas então analisadas. Contudo, a avaliação do fenômeno como um processo de formação de palavras não nos parece a abordagem mais adequada, uma vez que encaramos o uso adverbial de adjetivos como mudança categorial, que ocorre em determinados contextos, com formas já existentes. Assim, acreditamos que houve, não uma criação de palavra, mas um novo uso categorial.

Por esta razão, julgamos mais adequado enquadrar o fenômeno na teoria da gramaticalização. Isso porque esse emprego apresenta traços como decategorização, perda de

caráter lexical, perda de flexão, fixação na sentença, entre outros que indicam um processo de gramaticalização. Além disso, o fenômeno não tem caráter meramente morfológico, mas morfossintático.

2.2.3 – A análise de Hummel

Segundo Hummel (2002a), o termo adjetivo adverbializado é problemático na medida em que “advérbios como *forte* sempre foram advérbios”. Contudo, num ponto de vista sincrônico, o termo faz sentido, por traduzir bastante bem o que o falante hoje faz quando diz *ela fala esquisito* ou *ela corre rápido*.

O autor diferencia, inicialmente, os conceitos de *adjetivo adnominal*, em que o adjetivo vem junto a um substantivo, e *adjetivo adverbial*, em que o adjetivo aparece junto a um verbo. Os exemplos usados pelo autor foram os seguintes:

(16) a. Adnominal: A senhora **pobre** morreu.

b. Adverbial: A senhora morreu **pobre**.

Na frase (16a), o adjetivo *pobre* é um atributo do substantivo *a senhora* e faz parte do sintagma nominal que constitui o sujeito da frase. Em (16b), *pobre* também é atributo do substantivo-sujeito, mas sem fazer parte deste grupo nominal. Pertence ao grupo verbal. Assim, o adjetivo adverbial se caracteriza funcionalmente pelo traço *atribuição condicionada pelo verbo*, que o distingue do adjetivo adnominal.

Posteriormente, apresenta o *adjetivo adverbializado*, que funciona como atributo do verbo, ou seja, como advérbio. A principal diferença entre o adjetivo adverbial e o adjetivo adverbializado está na flexão. Por tratar-se de caracterizador (atributos) de um substantivo-sujeito temático ou explícito, o adjetivo adverbial se flexiona. Por outro lado, o adjetivo adverbializado não sofre flexão, simplesmente por não caracterizar um substantivo, mas um verbo.

Hummel (2002a) comenta, ainda, que as construções com adjetivos adverbiais costumam ser únicas, ou seja, resultantes de uma produtividade livre, enquanto que os adjetivos adverbializados são altamente usuais e, muitas vezes, fixos. No esquema do tipo “falar + X”, X pode ser substituído por uma série de adjetivos adverbializados (falar *alto*, *baixo*, *claro*, etc.). O mesmo não se dá com os adjetivos adverbiais, sequer com “chegar +

ADJ”, que é uma das poucas construções que se utilizam com certa frequência na linguagem falada.

O autor explica que, normalmente, o locutor não é capaz de mencionar construções semelhantes a partir do exemplo *ela chega cansada*. Isso porque são construções livres e produtivas que o falante realiza com as regras produtivas do sistema lingüístico. As construções com adjetivo adverbializado, pelo contrário, precisam ser normais e usuais, embora, segundo ele, não forçosamente em qualquer registro lingüístico. Isso mostra que o uso de adjetivos adverbializados é um processo.

Buscando descrever as condições de funcionamento dos adjetivos adverbializados, Hummel (2002a) destaca sua colocação, sempre junto ao verbo. O autor justifica essa “fixação sintagmática” por razões funcionais. Tendo em vista que o adjetivo adverbializado não dispõe de marca morfológica, ele precisa aparecer junto ao verbo. O autor destaca, ainda, que um advérbio do tipo de *rapidamente* é bem mais móvel quanto a sua posição na frase, do que o adjetivo adverbializado *rápido*.

O segundo critério observado pelo autor foi o fato de o locutor, evitar a ambigüidade potencial de construções como *ela chora manso* e *ela chora mansa*. Isso porque esses adjetivos, do ponto de vista semântico, se vinculam mais ao sujeito do que ao verbo. Sendo assim, o falante prefere adverbializar os adjetivos pouco ambíguos a este respeito. Logo, adjetivos como *rápido* e *lento*, cujo significado lexical está predestinado a caracterizar uma ação, serão mais facilmente adverbializados. Se o ouvinte só pensa em relacionar *rápido* com o verbo, e não com o sujeito, por seu conteúdo lexical, esse advérbio não precisa da marca *-mente*. Dessa forma, a linguagem coloquial faz uso desta possibilidade de economia.

Essa análise feita por Hummel (2002a) não se ratifica nos dados analisados, visto que adjetivos como *bonito* e *feio* se relacionam diretamente com o sujeito e não com uma ação verbal. Ainda assim, encontramos uso adverbial dessas formas como em *falou bonito* ou *caiu feio*. Além disso, o próprio autor apresenta um exemplo, cujo sujeito falante é feminino, em que temos o uso de *manso* como adjetivo adverbializado.

(17) Chego a chorar **manso** de tristeza (Lispector: 89)

Ele explica que *chorar manso* é bastante aceitável, mas *chorar manso de tristeza* seria mais ousado, já que permite pensar em uma característica do sujeito de chorar. Hummel (2002a) entende que esse caso só se explica por haver na consciência lingüística dos falantes um verbo complexo *chorar manso*. Ele afirma ainda que esse processo de lexicalização

confirma-se semanticamente, pois *chorar manso* significa *chorar baixinho* e a existência desse sintagma apontaria para uma possível explicação dos verbos complexos como compreensão econômica de sintagmas mais explícitos.

Ainda que o autor tenha buscado explicação para o exemplo (17), ao nosso ver, o fez de forma pouco convincente, já que não visualizamos em *chorar manso* um verbo complexo e, muito menos, um processo de lexicalização. Assim, seria difícil explicar exemplos como:

(18) a. eles pagam muito **caro**

b. porque o problema do Brasil é esse... a pessoa pensar **pequeno**...

Nesses exemplos, os adjetivos *caro* e *pequeno*, por seu conteúdo semântico, pouco ou nada se vinculam a ações verbais.

Em relação aos advérbios em *-mente*, o autor associa a frequência desse uso à influência da norma lingüística e ao grau de escolaridade atingido num país. Segundo Hummel (2002a), no português brasileiro, a conversão constitui, na linguagem de falantes incultos, praticamente o único mecanismo de adverbialização utilizado. Os falantes cultos optariam, na fala formal, pelo advérbio em *-mente* e, na fala informal, pelo adjetivo adverbializado.

Hummel (2002a) destaca que as formas hoje consideradas advérbios autênticos ou “corretos” do tipo *fortemente* ou *tranqüilamente* só apareceram nas línguas românicas. Isto significa dizer que o sufixo *-mente* é uma inovação românica. Tendo em vista que a conversão é o único mecanismo comum a todas as línguas românicas, Hummel (2002a) supõe que esse processo já funcionou no latim vulgar, falado inculto. Dessa forma, o autor levanta a hipótese de que a conversão é, na verdade, conservação e não um “abuso moderno”.

A contribuição do autor, no que diz respeito à descrição do fenômeno de adjetivos em uso adverbial, é bastante completa e significativa. No entanto, sentimos falta de um embasamento teórico que pudesse enquadrá-lo em um processo mais geral e mais comum entre diversas línguas. Assim, lançamos nossa proposta teórica, mostrando que a mudança em estudo não é um fato isolado e sim uma tendência natural que as línguas têm de se gramaticalizarem.

2.2.4 – A análise de Lobato

Lobato (2005) analisa o que ela chama de “atributos tradicionalmente categorizados como adjetivos em uso adverbial”, considerando que, na realidade, esses elementos são adjetivos, não podendo, portanto, de forma alguma, serem entendidos como advérbios. Para defender a tese de que se trata de um uso tipicamente adjetival, a autora descarta: (i) as propostas que afirmam a ocorrência do uso adverbial de adjetivos; (ii) a existência de um processo de conversão; e, ainda, (iii) a hipótese da homofonia, ou seja, advérbios homófonos das formas adjetivas e advérbios na forma curta, isto é, não apresentam o sufixo *-mente*.

Para tal, algumas críticas foram apontadas pela autora como não resolvidas por essas hipóteses. A primeira delas trata do comprometimento da distinção nítida entre as diferentes categorias gramaticais. Segundo ela, duas categorias diferentes são definidas por um tipo semântico específico que leva a uma dada distribuição sintática. Dessa forma, adjetivos não podem estar ocorrendo em contexto típico de advérbios e atípico de adjetivos. Sobre isso, a autora afirma que esses itens são realmente adjetivos, estando, portanto, ocorrendo em contexto típico dessa classe.

Outro ponto apresentado por Lobato (2005) seria a não explicada diferença semântica entre o uso do atributo com e sem o sufixo *-mente* nas sentenças com alternância. Trata-se de casos como *eles vieram mais rápido/rapidamente* e *isso com uma pinça sai fácil/facilmente*, em que é possível haver variação entre a forma sem *-mente* e a forma com esse sufixo. Segundo a autora, as diferenças semânticas se explicam em termos de predicação: atributos sem *-mente* predicam a propriedade nominal, ao passo que os que apresentam sufixo *-mente* predicam a relação proposicional.

Em outras palavras, temos em *Maria fala lento*, três interpretações possíveis: a primeira seria da forma *lento* estar predicando o produto do evento, que corresponde ao nominal deverbal (falar ? fala), ou seja, *a fala é lenta*; a segunda entenderia que a predicação recai sobre o ato verbal, nesse caso, seria o mesmo que dizer que *Maria fala com falar lento*; já a terceira remeteria à forma sem *-mente* com predicação da voz, isto é, *Maria fala com voz lenta*. Em todos os casos, a forma sem *-mente* é interpretada como predicando propriedade nominal.

Em relação às formas que apresentam o sufixo *-mente*, a autora entende que:

(...) a predicação dos atributos com *-mente* toma a proposição por escopo e se refere aos traços aspectuais do evento, daí ‘Maria fala lentamente’ poder ser parafraseada

como o processo de 'Maria falar ocorre de maneira lenta'. (...) Assim, 'Maria fala lentamente' significa que 'Maria fala de um modo que deixa a fala lenta' ou que 'o modo de Maria falar causa a fala ficar lenta'. (p. 11)

Ou seja, a autora defende que, ao contrário das formas sem *-mente*, que predicam dados nominais correspondentes ao verbo, as formas com o sufixo modificam elementos essencialmente ligados à semântica do verbo.

Mais uma questão problemática ressaltada pela autora é o fato de essas outras propostas não explicarem as características distribucionais desses elementos. Isto é, em alguns casos, a alternância do uso do atributo com e sem o sufixo *-mente* é possível. Já outras vezes, a alternância nem existe morfológicamente (**baratamente*) e há, ainda, casos em que existe, mas com outro uso sintático-semântico (*altamente: Ela fala alto/*altamente. Ela foi altamente/*alto recomendada.*).

Em relação às evidências distribucionais, Lobato (2005) acredita que quando só a forma sem *-mente* é licenciada, a predicação recai verdadeiramente sobre propriedade nominal, só que não manifesta. Quando só a forma com *-mente* é permitida, a predicação recai sobre relação proposicional (a sentença toda ou uma relação intra-sentencial, inclusive a expressa pelo predicado). Finalmente, quando as duas formas alternam, o atributo pode ser interpretado como predicando a propriedade nominal (caso em que a forma sem *-mente* ocorre) ou sobre relação proposicional (caso em que a forma com *-mente* ocorre).

Outro ponto combatido por Lobato (2005) tem a ver com a forma do atributo sem *-mente* ocorrer com a vogal temática *-o*, que, segundo ela, caracteriza adjetivos, e não com a vogal temática *-a*, típica de formas claramente adverbiais (em *-mente*). Ela constata, neste caso, uma incoerência morfológica para os que entendem o fenômeno como um uso adverbial. Convicta de sua hipótese, Lobato (2005), esclarece a questão, reafirmando a proposta de que esses atributos são adjetivos. Além disso, ela destaca a possibilidade de variação de grau (*Elas falam rapidíssimo/altíssimo/baixíssimo*) como um reforço à sua análise.

Sem dúvida, o estudo apresentado por Lobato (2005) a respeito dos aqui chamados adjetivos adverbializados é bastante detalhado e expressivo. No entanto, sua visão de categorialidade se choca com os preceitos funcionalistas, que entendem as fronteiras entre classes de um modo muito mais maleável.

A autora critica análises cujos resultados levam à impossibilidade da distinção nítida entre as diferentes categorias gramaticais, afirmando que as características semânticas e sintáticas que definem uma classe e outra devem se manter em todos os seus usos. Contudo, parece esquecer que a língua possui um aspecto dinâmico, que permite, a todo o momento, a

criação de novos usos por parte do falante, que não se preocupa em classificações gramaticais ao utilizá-la.

Quando a língua é vista como algo que está em constante mudança, entendemos que, algumas vezes, encontraremos usos em espaços intermediários. Desse modo, o adjetivo adverbializado é entendido como um fenômeno que ocorre nos limites entre o adjetivo e o advérbio. Por isso, suas características apontam relação com ambas as classes, tornando difícil uma classificação categórica.

O fato é que uma visão emergente da gramática não admite a idéia da existência de classes categóricas, mas de um conjunto de usos, que, apresentando as características básicas da classe, funcionam como representantes prototípicos dessa classe, ao lado de usos que, apresentando apenas algumas características da classe, constituem elementos não prototípicos. Esses não prototípicos tendem a apresentar características de uma outra classe, posicionando-se como intermediários entre duas ou mais classes.

Uma outra crítica feita pela autora trata das diferenças semânticas entre os usos em que a alternância entre a presença e ausência do sufixo *-mente* é permitida (*rápido/rapidamente*). A explicação apresentada por Lobato (2005), alegando diferenças na predicação (propriedade nominal versus relação proposicional) é, na verdade, subjetiva e circular, visto que, além da presença/ ausência de *-mente*, não há evidência formal que comprove suas afirmações. Além disso, as interpretações de *Maria fala com falar lento* e *Maria fala de um modo que deixa a fala lenta*, ao nosso ver, não apresentam diferença semântica alguma do ponto de vista comunicativo. Como se vê, esse tipo de critério é de cunho pessoal, sendo possível fazer a interpretação mais conveniente às conclusões pretendidas.

Entender que o termo em estudo predica o ato verbal significa dar a ele, ao contrário do que a autora pretende, uma característica de advérbio e não de adjetivo, ou pelo menos de algo que se situa entre a classe dos adjetivos (modificadores de nomes) e dos advérbios (modificadores de verbo).

Mais um ponto combatido por Lobato (2005) trata do fato de a forma sem o sufixo *-mente* ocorrer com a vogal temática *-o* (*certo*), típica de adjetivos e não com a vogal temática *-a*, segundo ela, presente nas formas claramente adverbiais (*certamente*). Em relação a isso, podemos dizer, mais uma vez, que a perspectiva estática que a autora apresenta em relação à língua não permite perceber que novos usos surgem de formas mais freqüentes. Por tratar-se do emprego com a vogal temática *-o* a forma mais genérica (não marcada) e mais freqüente, é natural que este novo uso se dê dessa forma.

Além disso, é possível refletir sobre o aspecto histórico e lembrar que o sufixo *-mente* provém do substantivo feminino do latim vulgar *mens, mentis*, no ablativo, que pedia um adjetivo também no ablativo feminino, cuja desinência, no caso dos adjetivos de primeira classe, é *-a*. Ou seja, esse *-a* remete a uma origem de gênero feminino. Ao mesmo tempo, essa suposta vogal temática dos advérbios só ocorre com os advérbios em *-mente*, ou seja, não há nenhum outro advérbio que apresente essa vogal temática, o que torna difícil relacioná-la com a classe dos advérbios de um modo geral.

Ainda no campo morfológico, a autora ressalta a possibilidade de variação de grau (*Elas falam rapidíssimo/altíssimo/baixíssimo*) como característica de adjetivo. Quanto a isso é interessante lembrar que os advérbios também sofrem esse tipo de variação (*cedíssimo/muitíssimo*). Assim, o argumento não parece válido, ou, pelo menos, suficiente para afirmar que o termo pertence a uma classe ou outra.

Mais um argumento utilizado pela autora, para defender a idéia de que esses elementos são realmente adjetivos, está relacionado ao fato de que só os advérbios em *-mente* podem ser utilizados como modalizadores. Essa questão é um pouco complicada. Em primeiro lugar, nem todos os advérbios em *-mente* são utilizados como modalizadores, mas apenas os que expressam valor epistêmico de certeza, factualidade etc. (Traugott: 1995; Traugott e Dascher: 2002; Martelotta: 2004): *certamente, possivelmente*, entre outros. Além disso, a história nos mostra que é possível a existência de um adjetivo ou, pelo menos, um elemento sem a formação em *-mente* com valor modalizador. É o caso de *certas*, que, segundo Magne (1944), apresentava valor equivalente a *certamente, decerto, por certo* no português arcaico, assim como ocorre no francês *certes*. Nesse caso, mais uma vez, temos um elemento de valor epistêmico.

Em relação à análise de Lobato (2005), vale ainda destacar que a autora separa os diversos exemplos em grupos e, para cada um deles, dispensa tratamentos diferenciados, lançando critérios diferentes na tentativa de explicar o fenômeno.

Como já foi dito, Lobato (2005) desenvolve um trabalho de grande importância para a compreensão desses usos ainda pouco estudados. No entanto, sua ótica estática e categórica sobre o fenômeno não satisfaz os questionamentos do presente trabalho, pois entendemos o uso adverbializado de adjetivos como mais um exemplo de gramaticalização. Encontrando, nessa teoria, uma explicação única, generalizada para cada grupo de exemplos que se possa lançar em torno do uso aqui analisado.

É importante frisar que não pretendemos com este trabalho exaurir o tema aqui analisado. Trata-se apenas de propor uma teoria mais abrangente no sentido de ser aplicável a

todos os casos. Buscando, dessa maneira, dar conta de um número maior de casos, lançando mão de um mesmo conjunto de critérios.

2.2.5 – A análise de Vidal

Vidal (2000) apresenta como tema de sua dissertação a instabilidade entre adjetivos e advérbios, propondo uma abordagem funcionalista. A autora restringe sua análise ao tipo de advérbio que acrescenta ao verbo um matiz de modo, caracteristicamente identificado pela presença do sufixo *-mente*.

O trabalho constata que as construções com adjetivos adverbializados ocorrem tanto com verbos transitivos quanto intransitivos. Vidal (2000) destaca ainda que, nos casos que avaliou, o adjetivo apareceu sempre em posição pós-verbal, apresentando, segundo ela, características de advérbio de modo.

A novidade oferecida por Vidal (2000) é mencionar, em seu quadro teórico, o processo de gramaticalização, embora não relacione de modo mais sistemático esse processo ao uso dos adjetivos adverbializados. A autora se limita a fazer uma comparação entre adjetivos adverbializados e seus supostos correspondentes em *-mente*, constatando que o apagamento do sufixo nos advérbios de modo é crucial no processo de gramaticalização de adjetivos adverbializados, e vincula o fato com o princípio da decategorização¹¹.

A autora usou, para sua análise, dados da oralidade e da escrita, abrangendo a linguagem formal e informal. Contudo não temos, em sua análise, comparações entre as diferentes manifestações do fenômeno. Ainda assim, a conclusão da autora é de que a instabilidade categorial do advérbio e do adjetivo não pode ser atribuída exclusivamente ao discurso informal.

Ainda que sua contribuição seja válida, visto que raros são os trabalhos que buscam analisar o tema aqui proposto, outras considerações poderão ser feitas na tentativa, principalmente, de sistematizar a mudança e compreendê-la mais a fundo. Tendo em vista que a dissertação de Vidal (2000) caracteriza-se, essencialmente por um caráter descritivo do fenômeno, não existe, até então, um trabalho que realmente aprofunde o tema.

¹¹ Embora apenas mencione a existência de adjetivos adverbializados, Neves (2000) tem a virtude de relacionar o fenômeno com o processo de gramaticalização, afirmando que um “ adjetivo pode ser **gramaticalizado** (o grifo é nosso) como advérbio mesmo sem o acréscimo de *-mente*, citando exemplos como *jogou limpo*.”

2.2.6 – A análise de Reis

Dentro da perspectiva gerativa, Reis (1997), analisando sintagmas adjetivais e nominais em função adverbial, afirma que em frases como *João falou alto* e *Maria está namorando sério* temos *alto* e *sério* sendo interpretados pelo falante como advérbios, uma vez que indicam a circunstância de modo da ação.

Mais adiante, a autora apresenta três grupos de exemplos. No primeiro caso, temos exemplos que não permitem flexão do adjetivo, são casos como:

- (19) a. A menina falou **direito** (*direita).
b. As meninas falaram **direito** (*direitas).

O segundo grupo inclui casos em que essa flexão pode ou não acontecer.

- (20) a. A menina chegou **atrasado**.
b. A menina chegou **atrasada**.

No terceiro grupo, o adjetivo é, segundo a autora, obrigatoriamente flexionado.

- (21) A menina falou **aflita** (*aflito).

Reis (1997) afirma que, em todos esses casos, os adjetivos estão em função adverbial. Isso porque a) estão adjuntos de um sintagma verbal, posição típica de um advérbio de modo; b) ao serem substituídos por advérbios em *-mente* ou por locuções adverbiais de modo, as frases permanecem gramaticais; c) aparentemente não estão exercendo sua função típica que é a de modificar um substantivo.

Contudo, ela afirma que o fato de a flexão e a não-flexão serem obrigatórias em alguns casos, faz com que haja diferenças estruturais entre os três grupos representados pelos exemplos (19) (20) e (21).

Reis (1997), com base nos trabalhos de Martin (1975), tece considerações sobre a concordância dos adjetivos. A autora explica que o masculino é uma forma não-marcada, pois, mesmo quando não há nada que concorde com o adjetivo, ele permanece no masculino. Seria o caso do adjetivo *cheio* no exemplo a seguir.

(22) Está **cheio** de livros na mesa.

A autora afirma, ainda, que os adjetivos em função adverbial remetem-se a verbos e não nomes que lhe impusessem marcação de gênero. Assim, segundo Reis (1997), não se deve dizer que o adjetivo empregado como advérbio está no masculino-singular, pois não há concordância entre ele e o verbo. Devemos sim dizer que há ausência de gênero e de número, ou seja, ausência de traços-phi.

A autora segue esse raciocínio afirmando que os sintagmas nominais adverbiais também não têm traços-phi, por não apresentarem variação de número. Conforme sua análise, os sintagmas nominais circunstanciais ocorrem, normalmente, no singular, ao passo que os sintagmas nominais intensificadores incidem no plural. Contudo, o fato de apresentar marcas morfológicas não implica sempre a presença de traços-phi, que são traços sintáticos.

Dessa forma, Reis (1997) conclui que a ausência de traços-phi é o que diferencia os sintagmas nominais dos sintagmas determinantes. Estes últimos, por funcionarem como argumentos devem ter uma referência determinada, logo possuem traços-phi. O determinante, que detém os traços a serem checados, projeta-se, formando o sintagma determinante. Já no caso dos sintagmas nominais adverbiais, a ausência de traços-phi não permite a projeção do nome para a formação de um sintagma nominal.

Certamente, as considerações de Reis (1997) são bastante distintas das nossas e, inclusive, das até então apresentadas, talvez por se tratar de uma outra linha de pesquisa. Contudo, respeitando as diferentes abordagens teóricas, algumas críticas são pertinentes. Começaremos pelos argumentos propostos pela autora para afirmar que nos exemplos (19), (20) e (21) adjetivos estão em função adverbial.

Como já foi dito neste trabalho, nem todos os casos de adjetivos adverbializados podem ser substituídos por advérbios em *-mente* e manterem a gramaticalidade da frase. Casos como *vender barato/ *baratamente* e *falar direito/ *direitamente* comprovam essa afirmativa. Além disso, a possibilidade de alternância entre essas formas não garante a correspondência semântica, como em *agir legal/ legalmente* e *pensar novo/ novamente*. Casos como esses serão analisados mais detalhadamente no decorrer do nosso trabalho.

Além disso, a autora afirma que em frases como *A menina falou aflita*, o termo *aflita* não exerce função de modificar um substantivo. Obviamente, não podemos desprezar o fato de haver, nesse caso, uma dupla determinação do termo, já que é possível o entendimento de que a menina está aflita e falou de modo aflito. Contudo, ainda nos parece a concordância um

fator decisivo na distinção entre adjetivo e advérbio. Até porque, quando se entende que a menina está aflita, temos *aflita* em função predicativa.

Ainda sobre a questão da concordância, ao afirmar que os adjetivos em função adverbial remetem-se a verbos e que, por isso, não apresentam marca de flexão em gênero ou número, Reis (1997) parece concordar com o critério de que os advérbios são formas invariáveis. Sua posterior explicação sobre a presença ou ausência de traços-phi parece-nos pouco convincente.

III – REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo dedica-se a apresentar os dois conceitos teóricos básicos do funcionalismo que estamos aqui utilizando na análise dos adjetivos adverbializados. A teoria da gramaticalização e o princípio da iconicidade. Começamos apresentando o arcabouço teórico referente à gramaticalização.

3.1- A teoria da gramaticalização

Pelo menos desde os trabalhos dos filósofos franceses e ingleses do século XVIII, como Condillac e Horne Tooke (Heine: 2003), existe a idéia de que a complexidade gramatical e o vocabulário abstrato derivam historicamente de lexemas concretos, assim como o reconhecimento de que morfemas verbais são provenientes de palavras que perderam, por um lado, seu *status* de elemento lingüístico independente e os privilégios associados a esse *status*, e, por outro, massa fônica, tornando-se clíticos.

A lingüística comparativa do século XIX reforçou essa idéia, até que Meillet (apud Hopper e Traugott: 1993) propôs o termo gramaticalização para designar o que ele caracterizava como a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra originalmente lexical.

Na década de 1970, Givón (1979), propõe o slogan “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, formulado como parte de um ciclo evolutivo mais geral:

discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero

Segundo essa proposta, as regularidades da gramática surgem no discurso e são conseqüentes de um processo progressivo de diminuição de escopo, fixação, perda de massa fônica. As línguas, em termos universais, demonstram em seus elementos essa evolução em direção a formas mais compactas e mais fixas, motivada por fatores cognitivos e comunicativos e, principalmente, pela freqüência de uso.

A partir daí vários trabalhos surgiram nessa linha. Entre eles estão Heine et al. (1991), Traugott e Heine (1991), Hopper e Traugott (1993)¹², além de outros mais recentes, que incorporam novas descobertas reflexões no campo da mudança lingüística (Traugott: 1995;

¹² Esse livro foi lançado inicialmente em 1993 e foi reeditado com modificações em 2003.

Tarbor e Traugott: 1998; Traugott e Dascher: 2002; Traugott: 2003; Heine: 2003; Lehman; 2005). Esses trabalhos estão baseados nos seguintes princípios:

- (i) A linguagem é um produto histórico, portanto, deve ser estudada, antes de tudo, com referência às forças históricas responsáveis por sua estrutura atual.
- (ii) As descobertas referentes a gramaticalização fornecem explicações mais compreensíveis do que as descobertas associadas a análises sincrônicas.
- (iii) O desenvolvimento de categorias gramaticais é unidirecional, levando do sentido concreto/lexical para o sentido abstrato/gramatical.

É importante registrar aqui que o termo gramaticalização pode ser usado com sentidos um pouco diferentes, que focalizam aspectos específicos do processo. Alguns autores utilizam o termo para designar um processo de regularização analógica (Votre: 1992). Outros usam, o termo para se referir à forma gramatical, dizendo, por exemplo, que uma determinada língua “gramaticalizou” um caso dativo, querendo dizer que existe, nessa língua, uma forma gramatical para indicar esse caso.

Há outros ainda que utilizam o termo para indicar o desenvolvimento não de um morfema específico, mas de um paradigma. Nesse caso, o interesse recai sobre o modo como os elementos lingüísticos se reagrupam em novos paradigmas. Jacob (2004) aponta, como um exemplo disso, a mudança na ordenação linear das palavras ocorridas do latim ao francês. No latim, a ordem das palavras obedecia a exigências da estrutura da informação, já que morfemas de caso indicavam a função sintática das palavras. Com o desaparecimento desses morfemas, a língua desenvolveu uma ordenação específica para diferenciar os argumentos do verbo. Nesse sentido, a especialização de uma ordenação específica para a marcação sintática pode ser vista como um processo de gramaticalização.

Empregamos aqui o termo gramaticalização no sentido utilizado nos trabalhos funcionalistas, em geral, e que Martelotta, Votre e Cezario (1996) resumem da seguinte forma:

processo unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Um exemplo clássico de gramaticalização seria a forma de futuro no português. Conforme explicam Votre, Cezario e Martelotta (2004), no latim clássico, o futuro era

expresso através de desinência: *amabo*. Paulatinamente, passou a ser expresso por uma perífrase verbal, tendo o verbo *haver* como auxiliar: *amare habeo*. Essa construção percorreu o ciclo funcional, acabou integrando-se, tendo o verbo *habere* reduzido seu corpo fonético a uma desinência de futuro: *amarei*. Finalmente, no português atual, o futuro vem sendo expresso, principalmente na oralidade, por uma nova perífrase, agora com o verbo auxiliar *ir*: *vou amar*.

Segundo os autores, isso mostra que, embora pareça haver idas e vindas, a história das construções lingüísticas só apresenta idas, no sentido de que a continuidade do uso de uma construção leva à aproximação de morfemas, à integração, ao desgaste das formas.

Observe que um verbo auxiliar: *habeo* deixa de lado seu caráter mais lexical até se tornar uma desinência, elemento extremamente gramatical. Nossa proposta aqui é argumentar que os adjetivos adverbializados se assemelham ao caso citado, pois também abandonam uma categoria mais lexical (adjetivo) e caminham para uma mais gramatical (advérbio). A perda de flexão e a alta frequência com que o fenômeno ocorre constituem outras fortes características de um processo de gramaticalização.

Para melhor argumentar essa posição, tomemos as noções de léxico e de gramática. Martelotta, Votre e Cezario (1996) caracterizam o léxico como formado de elementos “que fazem referência a dados do universo biossocial: designam entidades, ações e qualidades”. Por outro lado, os elementos gramaticais “são os que organizam os itens do léxico no discurso”. Como tratam, basicamente da passagem de advérbios para conectivos, os autores não se preocuparam em definir de modo mais claro a posição dos advérbios, classe que parece assumir um *status* intermediário no *continuum* léxico > gramática, e que está envolvido no fenômeno aqui estudado. A pergunta que aqui fazemos é: é correto afirmar que os advérbios são mais gramaticais do que os adjetivos? A passagem de adjetivo para advérbio pode ser vista como um movimento em direção a uma gramaticalização?

Em relação ao status do advérbio, vemos em Lehman (2002) a proposta de que não há classes e sim usos no léxico ou na gramática. Ou seja, há alguns advérbios que estão no léxico, como *atrás*, e outros que estão na gramática, como *aí*. Segundo o autor, esse fato é conseqüente da não existência de fronteiras nítidas entre as classes e entre o léxico e a gramática. O autor propõe o seguinte quadro pra termos do espanhol:

Quadro 1 – Membros lexicais e gramaticais das classes de palavras em espanhol

lexical			grammatical		
category	example	meaning	category	example	meaning
noun	posesión	possession	pronoun	suyo	his
adjectivo	rojo	red	pro-adjectivo	tal	such
verb	existir	exist	auxiliary	estar	be
adverb	atrás	behind	deictic adverb	ahí	there
preposition	trás	behind	gram. prep.	de	of
conjunction	mientras	while	subordinator	que	that

Na nossa opinião, esse quadro é, no mínimo, passível de discussão, uma vez que coloca conjunções e preposições entre elementos do léxico, sem maiores argumentações. E o fato de colocar os advérbios, a depender de seu tipo, ora no léxico, ora na gramática, dificulta nosso caminho em direção à argumentação de que o desenvolvimento adjetivo > advérbio pode ser visto como um processo de gramaticalização.

Entretanto, podemos notar que o autor coloca os adjetivos apenas no campo do léxico, o que significa que não é estranho à teoria considerar a classe dos adjetivos menos gramatical do que a dos advérbios, o que nos parece abrir espaço para uma proposta de que em uma trajetória do tipo adjetivo > advérbio pode ser visto um movimento de gramaticalização. Acreditamos que o trabalho de Brinton e Traugott (2002) ratifica nossa proposta, colocando, de modo mais definitivo os advérbios entre os elementos da gramática.

3.1.1 – Gramaticalização e lexicalização segundo Brinton e Traugott

Tendo em vista que os termos *lexicalização* e *gramaticalização*, ainda que bastante difundidos, são muitas vezes inadequadamente empregados, Brinton e Traugott (2002) se propuseram a definir e exemplificar com mais clareza ambos os conceitos. Os autores mostram que, ao contrário do que muitos pesquisadores apontam, os dois processos têm muito em comum.

Um dos pontos mais polêmicos envolvendo o processo de gramaticalização é a questão da unidirecionalidade. Para muitos, essa questão é óbvia, já que itens mais lexicais percorrem uma escala direta até que passam a desempenhar funções mais gramaticais. Por outro lado, muitos pesquisadores apresentam contra-exemplos que, segundo eles, caracterizam um processo chamado *degramaticalização*.

Trata-se de casos como *redução de sintagmas*, exemplificado pelos autores através das formas *gar leac* (spear leac) > *garlic* e *forget me not* > *forget-me-not* e *conversão*, como ocorre nos casos de *calendar* (nome) > *calendar* (verbo) e *run* (verbo) > *run* (nome).

Contudo, os exemplos de real importância para este confronto são aqueles caracterizados como a “imagem espelhada” da gramaticalização. Trata-se de casos que envolvem parcialmente morfologia gramatical ou derivacional. Ocorrências como: advérbio *up* > verbo *up*, conectivo *if* > substantivo *if* e advérbio *down* > nome *downer*, ou morfemas derivacionais, com *-ism*.

O termo “imagem espelhada” se justifica nos sentidos contrários percorridos pelos dois processos. Como é possível notar no esquema abaixo, em que (a) mostra a direção típica da gramaticalização e (b), da lexicalização.

(a) léxico	→	delexicalização	→	morfologização	→	morfologia
<i>habere</i>	→			<i>cantare habeo</i>	→	<i>chanterai</i>
(b) léxico	←	lexicalização	←	demorfologização	←	morfologia
<i>perhaps</i>	←	<i>per haps</i>		<i>ade, burger</i>	←	<i>lemon-ade</i>

Se por um lado esses processos caminham em direções opostas, diferindo no fato de a forma resultante passar a ser parte de uma estrutura argumental ou se tornar um elemento funcional, por outro, numa perspectiva diacrônica, lexicalização e gramaticalização têm propriedades em comum. Entre essas propriedades Brinton e Traugott (2002) citam congelamento e redução de fronteira entre morfemas, ou seja, redução da composicionalidade estrutural.

As semelhanças continuam já que, em domínio lexical, *idiomatização*, *composição* e *mesclagem* (*blending*)¹³ representam diferentes graus de lexicalização, enquanto que, no domínio gramatical, *cliticização* e *afixação* representam diferentes graus de gramaticalização. Assim, temos tanto na gramaticalização quanto na lexicalização processos graduais, no sentido de que as mudanças são altamente locais e crescentes (*incremental*) e, como resultado, as fronteiras entre os usos podem parecer indetermináveis.

Em resumo, os pontos comuns entre lexicalização e gramaticalização são, basicamente: a) o apagamento de fronteiras entre classes. b) indeterminação, já que as

¹³ São exemplos e mesclagem em português *chevelho*, *CPIzza*, entre outros.

fronteiras categoriais podem tornar-se mais ou menos claras. c) perda de composicionalidade, seja semântica ou fonológica. d) unidirecionalidade, pois independente da direção que sigam, o processo não é reversível.

Interessa particularmente ao desenvolvimento desta dissertação o enfoque dado por Brinton e Traugott (2002) sobre o *status* dos advérbios e expressões fixas como *I think*. Visto que, algumas vezes, eles são analisados como casos de lexicalização, outras como gramaticalização.

Essas formas fazem parte de um grande conjunto que são usualmente vistas como servindo a funções discursivas:

- (i) Marcadores de ponto de vista, como *I suppose, I think, etc.*
- (ii) Marcadores aditivos, como os elementos de início de cláusula *indeed, in fact, anyway, etc.*
- (iii) Formas de chamar atenção, como *look, etc.*
- (iv) Formas que indicam conhecimento comum, como *you know, etc.*

Alguns desses elementos têm sido classificados como casos de lexicalização, ou geralmente são assumidos como tal, enquanto outros são tratados como casos de gramaticalização. Segundo os autores, o *status* gramatical dessas formas tem sido questionado por causa de umas antigas visões gerativas de gramática (*early generative views of grammar*), já que elas estão mais no discurso do que na sintaxe.

Entretanto, recentemente, a maioria dos sintaticistas reconhece que, tópico, foco e outros marcadores de ponto de vista afetam crucialmente a estrutura sintática, principalmente a ordenação vocabular. Acrescentamos a isso o fato de esses itens que expressam o ponto de vista do falante, como *I think, I guess, in fact*, entre outros, terem propriedades estruturais e, por isso, devem ser vistos como parte da gramática.

Em relação aos advérbios, segundo Brinton e Traugott (2002) temos Meillet considerando o advérbio alemão *heute* (hoje), proveniente de uma antiga forma *hiu tago* (este dia), como um caso de gramaticalização, já que *heute* é um membro da classe restrita dos advérbios. O vocábulo inglês *today* traz a mesma questão. Em contra partida, Ramat aponta *perhaps < per hap* (por acaso) como um caso de lexicalização.

No que diz respeito a Brinton e Traugott (2002), todas essas ocorrências são consideradas como casos de gramaticalização porque eles pertencem a um conjunto de marcadores que sinalizam relações e funções discursivas: *I think* e *I guess*, por exemplo,

apresentam função similar a de modais adverbiais como *perhaps* e *in fact* possui função similar a de conectivos como *and*.

Reconceituar a relação entre lexicalização, gramaticalização e apagamento de fronteira elimina muitos problemas que têm preocupado tanto os proponentes quanto os oponentes da unidirecionalidade em gramaticalização ao longo da última década.

A proposta de Brinton e Traugott (2002) é a de que as estruturas complexas, uma vez criadas, podem tornar-se fossilizadas: as que são usadas para expressar categorias maiores como nome, verbo e adjetivo sofrem lexicalização; as que são utilizadas para expressar categorias funcionais vão sofrer gramaticalização, como marcadores discursivos, advérbios e conectivos.

Os padrões de gramaticalização tendem a ter caráter translingüístico e podem afetar toda um classe semântica. Em contraste, lexicalizações tendem a ocorrer em línguas específicas e afetar itens individuais de baixa frequência, com significado altamente especializado.

Vale destacar, como ponto valioso para esta análise, que para Brinton e Traugott (2002) os advérbios são tidos como uma classe fechada, ou seja, como elementos de caráter gramatical. Além disso, ainda que alguns autores entendam o processo como lexicalização, está implícito seu caráter sintático-semântico, o que ratifica a idéia de não termos um fenômeno meramente morfológico.

3.1.2 – Características da gramaticalização

A principal motivação para a gramaticalização é a comunicação. Para esses princípios, uma estratégia possível é usar formas lingüísticas de sentido concreto, facilmente acessível e claramente delimitável, para expressar conceitos mais abstratos, mais dificilmente acessíveis e menos claramente delineáveis (léxico > função gramatical). De acordo com Heine (2003), a gramaticalização de uma expressão lingüística envolve quatro processos inter-relacionados:

- (i) **Dessemantização** (*bleaching*, redução semântica) – perda de conteúdo semântico.
- (ii) **Extensão** (ou generalização de contextos) – uso em novos contextos.
- (iii) **Decategorização** – perda de propriedades características das formas fonte, incluindo perda de *status* de forma independente (cliticização, afixação).
- (iv) **Erosão** (ou redução fonética) – perda de substância fonética.

Sobre esses processos, notamos que o item extensão tem relação direta com dessemantização, uma vez que, em geral, quando ampliamos os contextos de uso de uma determinada forma na direção de usos mais gramaticais, ela tende a apresentar novos sentidos e, conseqüentemente, perder valor semântico. Em relação aos adjetivos adverbializados, trataremos desses casos mais especificamente ao longo desta dissertação.

A respeito da decategorização, temos a passagem de adjetivo caminhando para a classe dos advérbios que, segundo (Brinton e Traugott: 2002) constituem uma classe mais gramatical, enquanto que adjetivos seriam elementos mais lexicais.

Já sobre a erosão, talvez não possamos falar em redução fonética tal como vemos, por exemplo, em *vossa mercê* > *você*. Podemos pensar que o falante encontra no adjetivo adverbializado uma opção mais econômica para o uso adverbial, isso, é claro, se compararmos com os advérbios com sufixo *-mente*.

Cada um dos processos faz ocorrer uma evolução que pode ser descrita em termos de um *modelo em três estágios*, chamado *overlap model* (Heine: 2003):

- (i) Há uma expressão lingüística A, que é recrutada para cumprir gramaticalização.
- (ii) Esta expressão adquire um segundo padrão de uso, B, que apresenta ambigüidade em relação a A.
- (iii) Finalmente A se perde, ou seja, agora há apenas B.

É claro que nem toda gramaticalização chega ao estágio (iii). Aliás, o processo não deve ser visto como algo categórico. Movimentos parciais na direção de usos mais gramaticais de fato podem ocorrer. Neste trabalho, proporemos que isso ocorre com os adjetivos adverbializados, no sentido de que o elemento adverbializado não continua seu desenvolvimento em direção a tornar-se uma preposição (valor ainda mais gramatical)¹⁴.

Lehman (apud Heine 2003) propôs que os processos associados ao fenômeno da gramaticalização possuem uma série de implicações associadas às estruturas lingüísticas surgidas por gramaticalização. São os seguintes processos concomitantes à gramaticalização:

- (i) **Paradigmatização** – tendência da forma gramatical de se arranjar em paradigmas.
- (ii) **Obrigatoriedade** – tendência de um uso opcional se tornar obrigatório.

¹⁴ Com relação a isso, cabe citar o trabalho de Martelotta e Frederico (2005), que apresenta o desenvolvimento do valor adjetivo do vocábulo *mesmo* na direção de usos adverbiais e, com a continuação do processo, de usos com função de conjunção concessiva, concretizando um processo de gramaticalização.

- (iii) **Condensação** – diminuição das formas.
- (iv) **Coalescência** – desaparecimento de formas adjacentes.
- (v) **Fixação** – ordenações mais livres se tornam fixas.

Podemos notar alguns dos processos citados por Lehman (apud Heine 2003) no fenômeno em estudo. No que diz respeito à fixação, por exemplo, temos essa questão atrelada à hipótese de que os adjetivos adverbializados tendem a ocorrer imediatamente após o verbo a que se referem.

Já em relação à coalescência, conforme propõe uma de nossas hipóteses, o adjetivo adverbializado dificilmente apresenta equivalência de sentido e, conseqüentemente, substituição de uso com seu advérbio correspondente com sufixo *-mente*. Contudo, alguns casos possibilitam esse câmbio, como *rápido* e *rapidamente*. Sobre isso, Hummel (2002a) afirma que o falante brasileiro prefere a *faço isso rápido* a *faço isso rapidamente*.

Assim, se pensarmos em uma perspectiva sincrônica, temos a forma expressa pelo advérbio em *-mente*, sendo substituída por uma opção mais compacta, oferecia pelos adjetivos adverbializados. Fato que se justifica no princípio da condensação.

3.1.3 – Princípios de gramaticalização

Hopper (1991) indica alguns princípios fundamentais da gramaticalização, são eles: camadas (*layering*), divergência (*divergence*), especialização (*specialization*), persistência (*persistence*) e decategorização (*de-categorilization*).

3.1.3.1 – Camadas (*Layering*)

A noção de camada dá conta dos empregos ou funções que cada forma pode apresentar, também pressupõe a coexistência entre unidades lingüísticas. Segundo Hopper (1991), em um domínio funcional complexo, estão sempre surgindo novas camadas, ou seja, formas em competição e não necessariamente uma delas deixará de existir. Assim, camadas antigas podem coexistir e interagir com novas.

Para ilustrar esse princípio de Hopper, podemos citar expressão da categoria de futuro em português. As formas *falarei* e *vou falar*, por serem possibilidades disponíveis para a expressão do futuro que coexistem na língua, constituem *camadas*.

3.1.3.2 – Divergência (*Divergence*)

A idéia de divergência faz referência ao fato de que, quando uma forma sofre gramaticalização, ela não perde sua autonomia. Isso faz com que ela esteja exposta às mesmas alterações de qualquer outro item lexical. Como consequência temos a possibilidade de várias formas com funções diferentes, apresentarem a mesma etimologia.

Como, mais uma vez, a existência do novo uso não implica o desaparecimento do uso original, tem-se um conjunto de formas com a mesma etimologia, desempenhando funções diferentes.

Hopper (1991) exemplifica com o verbo latino *habere*, que gerou, por um lado, em francês moderno, o sufixo de futuro: *je chanterai* (*cantare habeo*) e, por outro lado, o verbo lexical *avoir* (ter), que pode ser usado como auxiliar em passado perfectivo: *j'ai chanté* (cantei).

3.1.3.3 – Especialização (*Specialization*)

O conceito de especialização trata da diminuição do número de formas para expressar uma determinada noção gramatical. Como consequência da gramaticalização, a possibilidade de formas pode se estreitar e, assim, uma variedade menor de formas assume a expressão de sentidos mais gerais.

Hopper (1991) exemplifica especialização com a forma de negação no francês moderno *ne... pas*, onde *pas* (passo) ligava-se a verbos de movimento para enfatizar a negação (não andar um passo), que coexistia com formas semelhantes, como *mie* (migalha de pão) em verbos referentes à ação de comer (não comer uma migalha), ou como *gote* (gota) em verbos referentes ao ato de beber (não beber uma gota). De todos estes, apenas *pas* permaneceu como elemento básico de negação, perdendo seu valor enfático inicial. E, em francês falado, o elemento *ne* é normalmente suprimido, ficando apenas o elemento *pas* funcionando como marca de negação (*je sais pas*).

3.1.3.4 – Persistência (*Persistence*)

Quando uma determinada forma sofre um processo de gramaticalização, ela tende a apresentar um novo uso e, muitas vezes, características distintas da anterior. Contudo, alguns traços do sentido original tendem a permanecer nos novos empregos. A idéia de persistência

explica essa conservação de traços. Muitas vezes, os detalhes da história lexical de uma forma lingüística se refletem nas restrições do novo emprego no que diz respeito à sua distribuição gramatical.

Para ilustrar o fenômeno da persistência, Hopper (1991) expõe alguns exemplos. Entre eles, os marcadores de objeto (caso acusativo), gramaticalizados de verbos como pegar em línguas africanas, como ocorre com o elemento k? em gã (Benue-Kwa):

(1) È k? wòlò nmè-si

Ela OJB. livro largou

Ela largou o livro.

A marca de acusativo k? se origina de um verbo que designa *pegar*. Segundo Hopper (1991), frases como esta são historicamente do tipo *Ela pegou o livro e largou* e o uso desta partícula implica um dado que persiste do sentido original: apenas objetos que podem ser pegos admitem esta marca gramatical.

Em português, temos, nos advérbios com sufixo *-mente*, a vogal temática *-a*, ilustrando, mais uma vez, o fenômeno da persistência. Isso porque o sufixo *-mente* tem sua origem no substantivo feminino do latim vulgar *mens, mentis*, no ablativo, que pedia um adjetivo também no ablativo feminino, cuja desinência, no caso dos adjetivos de primeira classe, é *-a*. Assim, a vogal temática *-a*, precedendo o sufixo *-mente*, em casos como *claramente*, remete a uma origem de gênero feminino do antes substantivo *mens, mentis*.

3.1.3.5 – Decategorização (*de-categorialization*)

O conceito de decategorização faz menção ao fato de existirem perdas no momento em que um item lexical sofre gramaticalização. Quando esse item deixa uma categoria plena, como nomes e verbos, por exemplo, abandona com ela marcas morfológicas ou privilégios sintáticos característicos dessa classe e passa a adquirir características gramaticais de categorias secundárias, como advérbios, preposições, etc. Hopper (1991) apresenta um exemplo em língua inglesa:

(2) His face was pale – in (the) face of new demands.

No novo emprego, ocorre uma espécie de cristalização, com conseqüente perda de liberdade gramatical: *in (the) face of* não pode ocorrer, assim como *in that face of*, o que constitui uma restrição sintática do elemento *face* nessa expressão. Isto diz respeito à decategorização.

3.1.4 – Mecanismos de gramaticalização

Martelotta, Votre e Cezario (1996) apresentam dois grandes tipos de mecanismos que efetivam o processo de gramaticalização: mecanismos de natureza metafórica e de natureza metonímica.

3.1.4.1 – Mecanismo de natureza metafórica

Segundo os autores, a metáfora seria um processo unidirecional de abstratização crescente, através do qual conceitos que estão próximos da experiência humana são empregados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente, mais difícil de ser definido. Os autores apresentam como um tipo desse mecanismo a metáfora espaço > discurso, apresentada por Heine et al. (1991). Eis o exemplo, envolvendo o advérbio *lá*, e o pronome *isso*, apresentado pelos autores.

(3) ...em frente à cama tem a televisão... que fica também na frente da janela... assim::... o que mais? Que ela fica no alto assim... até é um saco... que o meu controle... às vezes/ quebrou... e aí... à noite assim eu durmo e aí eu... “a:i não... tenho que apagar a televisão”... aí eu levanto... vou **lá**... a... aí... desligo... é um saco... **isso** é um saco...”

Martelotta (2003) caracteriza o processo da seguinte maneira:

A organização espaço-temporal do mundo físico é usada analogicamente para caracterizar o universo mais abstrato do texto. Esse procedimento se revela mais produtivo quando se percebe a regularidade da utilização de elementos alusivos a pontos no espaço ou no tempo para designar pontos no texto: como foi dito anteriormente..., como será desenvolvido adiante..., ver o exemplo abaixo..., etc.

Tomando por base os elementos em negrito expostos no exemplo (3), Martelotta Votre e Cezario (1996) explicam que, em ambos casos, os elementos são dêiticos espaciais sendo empregados com valor anafórico. Visto que o elemento espacial *lá* faz referência ao lugar onde está a televisão. Por sua vez, a forma *isso* faz alusão à necessidade de levantar e desligar a televisão citada anteriormente. Assim, temos trajetória metafórica espaço > discurso. Segundo os autores esse mecanismo caracteriza o desenvolvimento de alguns elementos espaciais dêiticos em direção à função de conectivo¹⁵.

3.1.4.2 – Mecanismo de natureza metonímica

A metonímia corresponde aos processos de mudança por contigüidade, no sentido de que são gerados no contexto sintático. Segundo Martelotta, Votre e Cezario (1996), há basicamente dois mecanismos de natureza metonímica: a reanálise (Hopper e Traugott: 1993) e a pressão de informatividade Traugott e König (1991).

A reanálise é definida por Langacker (apud Hopper e Traugott: 1993) como uma mudança na estrutura de uma expressão que não envolve intrinsecamente uma modificação na sua estrutura superficial. Em muitos casos, a reanálise envolve fusão, ou seja, um processo em que dois ou mais elementos se tornam apenas um. Um exemplo conhecido em português está no surgimento do valor sufixal do vocábulo *mente* gerando em português: *tranqüila mente* > *tranqüilamente*.¹⁶

De acordo com Hopper e Traugott (1993), o processo de fusão envolve sempre uma *redistribuição (rebracketing)*, ou mais especificamente, uma mudança na indicação das fronteiras entre os elementos lingüísticos. Entretanto nem todo processo de redistribuição implica fusão. Em Martelotta Votre e Cezario (1996) temos um exemplo claro disso, envolvendo o elemento **that** em inglês, que, de pronome catafórico, passa a conectivo:

(4) [I said **that** :] [John is coming.] > [I said] [**that** John is coming.]

Segundo os autores, ocorrem, nesse caso, dois fenômenos. Por um lado, o elemento *that* passou a ligar-se à segunda cláusula e, por outro, passou a desempenhar a função de conectivo. Essa reorganização do *that* na estrutura sintática caracteriza o que estamos

¹⁵ Em Martelotta (1994) esse processo explica os usos de elementos como *aí, então, já, ainda, depois*, entre outros.

¹⁶ Esse movimento já começou no latim

chamando redistribuição, mas, apesar disso, não houve mudanças de fronteira vocabular, ou seja não houve fusão.

Mas, assim como o fenômeno da reanálise não implica necessariamente fusão, também não implica necessariamente uma redistribuição em sentido estrito, ou seja, uma passagem de algum elemento lingüístico de uma unidade sintagmática para outra. A reanálise pode ocorrer quando há uma mudança na relação gramatical.

Acreditamos que essa mudança de relação gramatical caracteriza a reanálise do adjetivo em advérbio nas construções aqui estudadas. Frases como as apresentadas em Hummel (2002a) apresentam o contexto que pode ter acionado a reanálise:

(5) A senhora corre feliz.

O ouvinte dessa frase, nas palavras de Hummel (2002a) “julga saber que o estado ‘feliz’ do sujeito não poderá naturalmente deixar de se refletir na maneira de correr da senhora”. Isso significa que o próprio predicativo, como já havia ressaltado Cunha (1990), embora concorde com o sujeito e caracterize seu sentido, essa caracterização se dá através do verbo. Ou seja, o predicativo também modifica a ação expressa pelo verbo, assumindo um valor também adverbial. Além disso, como o adjetivo *feliz* não se flexiona, pode ser reinterpretado como advérbio. Em outras palavras, esse contexto fornece a ambigüidade necessária para que o adjetivo possa ser entendido como um advérbio. É possível que construções como essas tenham influenciado o surgimento de construções em que o adjetivo permanece invariável, assumindo características de advérbio:

(6) a. eles voam tão **alto**...

b. ela não está fazendo **direito** coisa nenhuma

Outro mecanismo de natureza metonímica apresentado em Martelotta, Votre e Cezario (1996) é a pressão de informatividade (Traugott e König: 1991). Trata-se de casos em que operadores argumentativos, devido a ajustes de motivação conversacional, passam a assumir um novo valor. Segundo Traugott e König (1991), esse mecanismo caracteriza o surgimento de alguns conectivos.

- (7) a. I have done quite a bit of writing **since** we last meet. (temporal)
Eu tenho escrito bastante desde nossa última reunião
- b. **Since** Susan left him, John has been very miserable. (temporal/causal)
Desde que Susan o deixou, John ficou muito arrasado.
- c. **Since** you are no coming with me, I will have to go alone. (causal)
Já que você não quer vir comigo, eu terei que ir sozinho.

Em (7a) temos *since* sendo usado em seu sentido inicial, que remete temporalidade. Em seguida, a forma é empregada em contexto que sugere tanto circunstância temporal quanto causal. Por fim, no exemplo (7c) *since* é empregado com valor unicamente causal.

Para terminar essa parte referente aos mecanismos, gostaríamos de registrar algumas coisas importantes. Em primeiro lugar, é extremamente difícil delimitar de modo claro a atuação diferenciada desses processos acima mencionados. Apenas para citar um exemplo, a passagem ir (verbo de movimento: *vou para casa*) > ir (marca de futuro: *vai chover*) pode ser vista como um processo metafórico, caracterizado pela transferência do domínio do espaço para o do tempo (Sweetser: 1991) ou como reanálise, que se dá com a construção *ir + infinitivo* em contextos específicos (Martelotta, Votre e Cezario: 1996)¹⁷.

Em segundo lugar, todos esses processos podem ser descritos pelo *modelo em três estágios*, chamado *overlap model* (Heine: 2003), que apresentamos acima. Esse modelo implica a existência de um contexto ambíguo que alavanca a mudança.

A terceira questão importante está relacionada ao processo de analogia, responsável pelo espraiamento da construção através de novos contextos. Ou seja, a metáfora, a reanálise e a pressão de informatividade se dão em contextos específicos. Cabe à analogia estender o uso a novos contextos. Cardoso e Cunha (1970) apontam como conseqüentes de analogia usos populares como *embora que*, *enquanto que*, *por causa que*, entre outros. Provavelmente, nesses casos, o elemento *que* é inserido, por influência de locuções conjuntivas já enraizadas na língua, como *tanto que*, *logo que*, *assim que*, entre outras.

De acordo com Lehman (2005), a analogia está presente no exemplo clássico de gramaticalização segundo o qual o verbo latino *habere* se torna marca de futuro em línguas românicas: *cantare habeo* > *cantarei*. Segundo o autor, essa passagem pressupõe construções

¹⁷ Hopper e Traugott (1993) propõem que a passagem de *be going to* para *be gonna* se dá por processo metonímico de reanálise.

do Proto-Romance *cantare habeo* / *cantare habui*, o que significa inferir que a ordem ‘infinitivo – auxiliar’ ou que uma ordenação com verbo no final da frase era a mais geral, o que, de fato, não ocorria. Por outro lado, havia um sistema paralelo de conjugação incluindo categorias como o imperfeito e o subjuntivo expresso por sufixos verbais parcialmente aglutinativos, que serviram de modelo analógico para as formações *cantarei*. Ou seja, a gramaticalização de *cantare habeo*, ao invés de se espelhar nas formas coexistentes *habeo cantare* utilizou, como modelo analógico, as categorias de tempo/aspecto/moço expressas na posição posterior ao radical do verbo.

3.2 – O princípio da iconicidade

Partindo do princípio de que os advérbios são essencialmente termos de valor determinante, adotamos a hipótese de que ele deva ocorrer próximo ao elemento que modifica. O advérbio qualitativo, por exemplo, modifica o verbo, tendendo, portanto, a aparecer imediatamente próximo a ele. No caso dos adjetivos adverbializados, depois do verbo.

A hipótese de colocação para os advérbios qualitativos está relacionada ao princípio de iconicidade, mais especificamente ao subprincípio da proximidade (Givón: 1990). Conforme esse princípio:

- (a) Entidades que estão próximas funcionalmente, conceitualmente ou cognitivamente serão colocadas uma próxima da outra no nível da codificação, isto é, temporal e espacialmente.
- (b) Operadores funcionais serão colocados próximos, temporal e espacialmente, no nível da codificação, às unidades conceituais às quais eles são mais relevantes.

O princípio (a) se refere, entre outras coisas, a uma tendência geral de manter os modificadores restritivos perto do seu núcleo nominal e de colocar um sintagma nominal sob um contorno entoacional unificado. Ungerer e Schmid (apud Martelotta: 2005) propõem uma maneira de se aplicar esse subprincípio ao sintagma nominal, analisando os seguintes exemplos do inglês:

- (8) a. the famous delicious Italian pepperoni pizza
- b. *the Italian delicious famous Italian pepperoni pizza

c. *the famous pepperoni delicious Italian pizza

d. *the pepperoni delicious famous Italian pizza

Os autores argumentam que apenas a formação representada em (8a) é aceitável em função do subprincípio da proximidade icônica, segundo o qual os elementos que possuem um relacionamento mais estreito devem ser colocados próximos na frase. Como *pepperoni* é um componente inerente a esse tipo de pizza, vem mais próximo do nome, precedido do adjetivo que denota sua procedência, *italian*, que, por sua vez, é precedido pelo adjetivo avaliativo *delicious* e, no início, e mais distante do núcleo, ocorre o que menos tem a ver com a essência do que é o ser *pizza: famous*.

O princípio, portanto, é claro: aquilo que está próximo no conceito está próximo na sentença. Os advérbios, que são elementos de valor determinante, podem ser analisados de acordo com os mesmos parâmetros. Os que apresentarem um sentido mais relacionado à essência da ação verbal tenderão a ocorrer mais próximos do verbo. Nesse sentido, os advérbios de modo e de intensidade, por exemplo, ocorrerão mais próximos do que os locativos¹⁸, os temporais.

No que se refere aos advérbios, portanto, sua colocação seria a seguinte: modo e intensidade, que se referem a aspectos mais essenciais da ação verbal, ocorrem mais próximos ao verbo, podendo aparecer antes ou depois de seu escopo. A tendência de ocorrer algo entre o verbo e o advérbio é pequena. Por outro lado, a relação semântica dos locativos e dos temporais com o verbo é mais fraca, no sentido de que apenas expressam o lugar ou o momento em que ocorre a ação. Em função disso, esses advérbios apresentam uma relação formal com o verbo mais frouxa, o que leva alguns autores a considerar esses advérbios como estando relacionados não ao verbo, mas ao predicado, como um todo.

Sobre isso nos pareceu extremamente interessante o exemplo (9).

(9) "você... aqui... é pequeno... QUANTOS ANOS você vai levar... dentro do seu planejamento... por mais otimista que ele seja... pra se transformar... numa empresa de grande porte? será que você vai chegar a uma empresa de grande porte? quanto tempo você vai precisar pra chegar a esse tamanho? isto é... você pode vencer da... toda a etapa da adolescência e *chegar direto* da infância à idade madura... **rapidamente**...

¹⁸ Em alguns casos, o mesmo subprincípio da proximidade pode se manifestar em outras direções. Alguns advérbios locativos, por exemplo, tendem a ocorrer mais próximos ao verbo, quando este expressa movimento.

Apesar de esperarmos a colocação de *rapidamente* mais próxima do verbo *chegar*, por se tratar de um advérbio de modo, ele apresenta-se após algumas palavras, distanciando-se, assim, do verbo que determina. Por outro lado, temos, na mesma frase, o adjetivo adverbializado *direto* posto imediatamente após o verbo.

Isso nos faz pensar que os advérbios com sufixo *-mente*, ainda que sejam advérbios de modo, apresentam maior mobilidade se comparado aos adjetivos adverbializados. Talvez, por serem modelos mais prototípicos de advérbios, ainda que se afastem um pouco do verbo, não se perde seu referente.

IV – ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS

Os adjetivos adverbializados são termos que originalmente assumiam função de adjetivo, mas, em contexto sintático-semântico semelhante ao do tradicionalmente chamado predicativo, apresentam-se invariáveis, modificando um verbo. Entendemos que há, nesses casos, a formação de advérbios a partir de adjetivos, através do processo de gramaticalização. Vejamos alguns exemplos:

- (1) a. a pessoa não deve pensar **pequeno**... entendeu?
b. outras lojas que vendem coisas **barato**...
c. eles vieram mais **rápido**

Em frases como as apresentadas em (1), *pequeno*, *barato* e *rápido*, não sugerem outra interpretação diferente de advérbio. Isso porque, mesmo apresentando em (1a) sujeito no feminino, em (1b) sujeito e objeto direto no feminino plural e em (1c) sujeito no plural, as formas *pequeno*, *barato* e *rápido* permanecem invariáveis. Assim, descartamos a possibilidade de um uso adjetival.

É interessante notarmos que os exemplos apresentam sutis diferenças semânticas. No caso do adjetivo *pequeno*, notamos que ele se vincula mais ao sujeito do que ao verbo. Já em relação a *barato*, temos o elemento associado semanticamente ao objeto. Por fim, em (1c), *rápido* caracteriza mais a ação verbal. De qualquer modo, conforme frisamos no parágrafo anterior, os adjetivos foram empregados invariavelmente, mostrando seu caráter adverbial.

O fenômeno não se restringe ao português brasileiro. Hummel (2002a) afirma que os adjetivos adverbializados, embora ocorram com maior frequência no português brasileiro, fazem parte da linguagem falada coloquial também no português de Portugal. Nos exemplos abaixo, o autor registra o fenômeno no português lusitano:

- (2) a. pedir **directo** à administração
b. é preciso dizer **exacto**

Além disso, ainda que esta nossa análise se restrinja à fala carioca, temos registro do emprego adverbial de adjetivos na literatura, tanto brasileira como portuguesa:

- (3) a. Disse **alto** o sobrinho (Stanislaw Ponte Preta)
- b. Vou faturar **firme** (Ana Maria Machado)
- c. Já te escrevo **tosco** e sem ordem (Clarice Lispector – o sujeito da frase é feminino)¹⁹
- d. Um passarinho [...] seguia **reto** em direção ao sol (Fagundes Telles)
- e. Os remadores remavam **certo** e sem pressa (Saramago)

No entanto, as análises de Hummel (2002a) mostram que a frequência desse uso em textos literários, brasileiros ou portugueses, é bastante baixa. O autor destaca que o critério distintivo não é o caráter falado ou escrito do texto, mas a oposição *elaborado-culto vs. coloquial*. Segundo ele, os adjetivos adverbializados são muito usados em cartas entre amigos.

Por outro lado, Vidal (2000), após analisar os editoriais e os anúncios publicitários das revistas *Veja* e *Isto é*, conclui que o emprego de adjetivos adverbializados não se restringe ao nível coloquial. A autora entende que um editorial é um tipo de texto eminentemente formal e ela pôde observar que, até mesmo em textos como desse tipo, o fenômeno ocorre. Alguns de seus exemplos são:

- (4) a. A declaração de Serra pegou **fundo** mas não acertou na veia, pois afinal o deputado paulista tem manifestado com frequência suas discordâncias com o governo... (Isto é, n 1266, 05/01/94, p. 13 – Editorial)
- b. O Banco Central anunciou algumas mudanças que mexem **fundo** nas aplicações financeiras (Veja, 01/06/94, No embalo do real, p. 97)
- c. As empresas estrangeiras voltaram a investir **pesado** em suas fábricas e em novos negócios. (Veja, n 22, edição 1342, ano 27, No tiro de largada, p. 98)

Sobre essa aparente contradição, é possível pensarmos que, na tentativa de se popularizarem, ou seja, se aproximarem do discurso de seus leitores, essas revistas optem por um texto menos formal, o que explicaria a ocorrência do fenômeno. Além disso, Vidal (2000) não apresenta um estudo comparativo entre oralidade e escrita ou formalidade e

¹⁹ Os exemplos 3c, 3d e 3e foram citados em Hummel (2002a).

informalidade. Sendo assim, ainda que o fenômeno ocorra, já que não foi feito um estudo quantitativo, não é possível afirmar se esse uso é freqüente ou não.

De qualquer forma, o fato de autores consagrados da literatura brasileira e portuguesa e de revistas brasileiras de prestígio fazerem uso dessa estrutura faz com que o adjetivo adverbializado seja cada vez mais aceito por falantes cultos e por gramáticos. Isso porque, dificilmente, um falante ou até mesmo um gramático irá dizer que autores como os citados nos exemplos apresentados em (3) fazem mau uso da língua.

Outro aspecto que sugere a popularização dessas formas e contribui para a aceitação da sociedade é o fato de esse emprego estar cada vez mais freqüente em propagandas. Algumas delas são:

- (5) a. A cerveja que desce **redondo**. (cerveja Skol)
- b. Pense **novo** (cerveja Skincariol)
- c. Pense **limpo**. (sabão em pó Ariel)
- d. Pegue **leve** (calçados Dijean)
- e. Sonhe **alto** e durma tranqüilo²⁰ (Banco do Brasil)

Na tentativa de buscar identificação com o consumidor, as propagandas apresentam, em geral, textos com linguagem informal, de fácil entendimento e, porque não dizer, de curta extensão. O publicitário opta por um *slogan* que seja de rápida memorização e que ocupe um espaço curto, talvez por essa razão dê preferência ao adjetivo adverbializado e não ao advérbio em *-mente*.

Hummel (2002b) afirma que esse fenômeno constitui realmente casos de advérbios, já que há uma correspondência de sentido com advérbios associados ao sufixo *-mente*: podemos substituir *correr rápido* por *correr rapidamente*. Entretanto, essa afirmativa não reflete totalmente a realidade, já que, como será visto mais detalhadamente na análise dos dados referentes aos *corpora*, apenas 32% das ocorrências de adjetivos adverbializados apresentam correspondência de sentido com a formação correspondente em *-mente*, do tipo da que ocorreu com *rápido/rapidamente*, no exemplo de Hummel (2002b), mencionado acima.

O que temos, na maioria dos casos, é ou a impossibilidade de formação de correspondente em *-mente*, ou vice-versa, como nos casos abaixo:

²⁰ Nesse contexto, é difícil afirmar se o termo *tranqüilo* é um simples adjetivo ou um adjetivo adverbializado.

- (6) a. ... as portas não se fecham **direito**...
b. *As portas não se fecham **direitamente**...

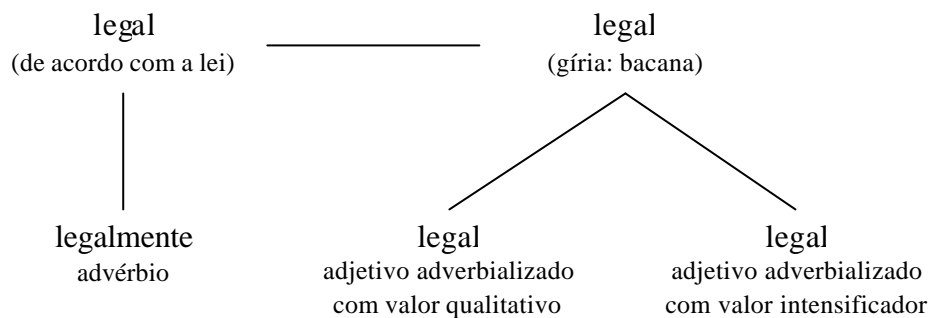
- (7) a. o que eu:: falarei **naturalmente** é sobre minhas preferências...
b. * o que eu:: falarei **natural** é sobre minhas preferências...

Outra possibilidade está nos casos em que não há uma correspondência entre o sentido do adjetivo adverbializado e o correspondente em *-mente*. O elemento *legal* apresenta um exemplo interessante desse caso. Temos o adjetivo *legal*, que apresenta, em seu sentido original, a idéia de conformidade com a lei. Esse uso é estendido, passando a designar um sentido correspondente ao de *bacana*, *positivo*, ainda como adjetivo. O uso adjetivo de *legal* com sentido de *dentro da lei* gera um advérbio em *-mente* e, por outro lado, o uso, típico da gíria, com significado semelhante ao de *bacana*, gera dois usos de valor distinto, como adjetivos adverbializados: um com valor qualitativo (advérbio de modo) e outro com valor intensificador, apresentados respectivamente em (8a) e (8b):

- (8) a. hoje em dia ela pode dizer que ela... que ela fez uma escolha certa... entendeu? em te/
em ter abortado o primeiro... porque ela não ia dar uma vida legal pra criança... então eu acho que ela fez **legal**...
b. os professores daqui são ótimos... eles fazem de tudo pra ajudar as pessoas... gosto deles **legal**...

Em (8a) o informante pretende dizer que uma determinada pessoa tomou a decisão acertada, nesse caso, *legal* pode ser substituído por advérbios como *corretamente*, *bem*, sem que o sentido se perca. Em (8b) o informante quer dizer que gosta muito dos professores, assim, entendemos *legal* sendo empregado como sinônimo de *bastante*. É importante notar que o sentido original, relacionado à legalidade, se perde quase que completamente, sobretudo se pensarmos que a ação considerada *legal* pelo informante, no exemplo (8a), é um aborto, ato reconhecidamente ilegal.

É curioso observar que o advérbio *legalmente* mantém seu sentido mais primário, de legalidade, conformidade com a lei. Por outro lado, o adjetivo adverbializado *legal* origina-se do desdobramento do adjetivo, já apresentando sentido semelhante a *bacana*, que é mais popular e bem mais freqüente do que o adjetivo referente à legalidade. Assim, poderíamos ilustrar esse comentário da seguinte forma:



Talvez por essa razão não haja correspondência de sentido entre o adjetivo adverbializado *legal* e o advérbio *legalmente*. Mas o importante é registrarmos que exemplos como esses nos mostram que os usos dos elementos lingüísticos refletem movimentos de extensão de uso, que acabam gerando decategorizações do tipo da que caracteriza o fenômeno em estudo.

4.1- Usos de adjetivos adverbializados em outras línguas românicas

Os adjetivos adverbializados não são exclusividade da língua portuguesa. No francês, segundo Hummel (2002b), em ocorrências de norma culta, seja formal ou informal, privilegia-se a forma em *-ment* junto com uma série limitada de advérbios curtos como *bien*, *mal*, *vite*, etc. Os adjetivos adverbializados ocorrem em registros *de tradição oral*, incluindo os dialetos, são frases como:

(9) J'y vais rapide.²¹ (Eu vou rápido.)

Situação semelhante à do francês ocorre no italiano, que apresenta um maior uso de adjetivos adverbializados nas grandes zonas dialetais. Usos como são mostrados em (10) são rejeitados pela norma padrão em pro da forma com o sufixo *-mente*.

- (10) a. Risponder secco. (responder seco) b. Mangiar pesante. (comer pesado)
 c. Colpir sodo. (bater duro) d. Tagliar corto. (cortar curto)

Em relação ao espanhol, temos um uso muito maior de adjetivos adverbializados nos países americanos do que no território espanhol. Hummel (2002b) afirma que a diferença é tal

²¹ Os exemplos apresentados em (9), (10) e (12) são retirados de Hummel (2002b).

que os adjetivos adverbializados chegam a ser considerados pelos falantes europeus como americanismos. Na gramática de Sarmiento e Aquilino (1989) consta que muitos adjetivos podem funcionar com valor adverbial. Seus exemplos são:

- (11) a. Habla alto. (Fala alto.)
b. Canta bajo. (Canta baixo.)
c. Lo dijo muy claro. (Disse isso muito claro.)

A língua romena oferece contraste em relação a todas as outras mencionadas, pois, conforme Hummel (2002b), a adverbialização de adjetivos constitui o único processo de formação de advérbios dessa língua. Isto é, os poucos advérbios em *-mente* existentes no romeno são empréstimos do francês. Assim, seja na fala mais escolarizada, seja na menos escolarizada exemplos como os citados em (12) representam a forma mais usual.

- (12) scrișul frumos (a letra bonita) Adjetivo
el scrie frumos (escreve bonito) Advérbio (Engel, 1993, 860-1)

Podemos, em princípio, afirmar que essa propriedade das línguas latinas se explica pelo fato, já registrado em vários autores, como Barreto (1980), de que em latim o adjetivo já era utilizado na forma invariável, com valor de advérbio. Entre os exemplos que o autor apresenta está o de Suetônio, reproduzido abaixo:

- (13) Roman **recens** conditam
Roma recente fundada
AC Fem NOM AC Fem
Roma recém-fundada

O exemplo acima é interessante porque *recens*, embora esteja na forma de adjetivo, aparece no caso nominativo, não concordando em caso como o substantivo *Roman*, que está no acusativo. Trata-se, portanto, de um adjetivo com função adverbial.

4.2- O uso de adjetivos adverbializados no latim

Martelotta e Processy (2006), em uma análise dos advérbios em latim, apresentam algumas possibilidades de formação adverbial em latim. Segundo os autores, o processo morfológico prototípico no latim clássico de formar advérbios se dá através do uso dos sufixos *-o* e *-e*, derivados de um antigo instrumental, para adjetivos de primeira classe e *-iter* para adjetivos de segunda classe. Mais tarde, as formas em *-mente* surgiram, substituindo as formações em *-e/-o* e *-iter*.

Cabe registrar que Heine e Kuteva (2002) demonstram que a passagem de instrumental para a expressão de modo existe em alemão, basco, e em línguas africanas com ewe e yoruba. Isso atribui ao processo um grau de universalidade que é importante para que entendamos quando, mais adiante, argumentaremos que o processo de desenvolvimento de adjetivos adverbializados constitui um processo de gramaticalização.

Outro processo de criação de advérbios que Martelotta e Processy (2006) apresentam é a possibilidade de se encontrar, em latim, casos de adjetivos adverbializados. Segundo os autores, existiam, no latim, casos de nominativo adverbial, que, constituindo advérbios procedentes de adjetivos, correspondem ao que está sendo chamado aqui de adjetivos adverbializados. Martelotta e Processy (2006) reproduzem a análise que Climent (1945) fez a partir do exemplo abaixo:

(14) Antonius cedit prorsus (predicativo).

Antonio anda reto

NOM Masc NOM Masc

Antonio anda reto.

O elemento *prorsus* podia ser empregado na forma de predicativo, concordando em gênero e número e caso com o sujeito, como se vê acima. No entanto, como a circunstância de modo era geralmente expressa por advérbios, *prorsus* acabou por ser interpretado também como advérbio, adquirindo o significado de *diretamente*, ou *em linha reta*. Ou seja, através de um processo de reanálise, *prorsus* passou a assumir função de advérbio, deixando de concordar com o sujeito e passando a caracterizar-se como um caso de nominativo adverbial. A estrutura sintática dessa outra interpretação, conseqüente da reanálise seria a seguinte:

(15) Antonius cedit prorsus.
 Antonio anda em linha reta
 NOM Masc ADV
 Antonio anda em linha reta.

Podemos notar que, embora a frase não mude superficialmente, a sua organização sintagmática se modificou. Assim poder-se-ia dizer:

(16) a. Mulier prorsus cedit.
 Mulher em linha reta anda
 NOM Fem ADV
 A mulher anda em linha reta.

b. Homines prorsus cedent.
 Homens em linha reta andem
 NOM Masc Pl ADV
 Que os homens andem em linha reta.

Segundo Martelotta e Processy (2006), essa evolução, provavelmente, foi facilitada por dois fatores. Em primeiro lugar está o fato de existir na língua formas em *-tus*, como *intus* (no interior de, interiormente), *penitus* (no fundo, profundamente), que eram verdadeiros advérbios. Em segundo lugar, os acusativos podiam ter valor adverbial em alguns contextos, que permitiam que se interpretasse como equivalentes frases do tipo apresentado abaixo:

(17) a. Homo prorsus (nominativo adverbial) cedit .
 b. Animal prorsum (acusativo adverbial) cedit.

Em (17a), temos um caso de nominativo adverbial, semelhante ao do exemplo (16), apresentado acima. Em (17b), *prorsum* é um acusativo adverbial, ou seja, funciona como um advérbio. Isso pode estar relacionado ao fato de que era comum no latim a adverbialização de acusativos de extensão espacial e de acusativos de direção. Assim, a frase em (17b) apresentaria a seguinte estrutura:

(17) b'. Animal prorsum (acusativo adverbial) cedit.
 Animal em linha reta anda
 NOM Sing Neu ADV
 O animal anda em linha reta.

Entretanto, como o sujeito dessa frase apresenta gênero neutro²², pode-se pensar que ele está concordando com esse sujeito, do mesmo modo que acontece com o exemplo (15). Dentro dessa interpretação a frase seria analisada da seguinte maneira:

(17) b''. Animal prorsum (predicativo) cedit.
 Animal reto anda
 NOM Sing Neu NOM Sing Neu
 O animal anda reto.

Essa semelhança deve ter influenciado a reanálise do adjetivo com caso nominativo *prorsus* em elemento de valor adverbial. Em outras palavras, o fato de uma construção com acusativo adverbial apresentar um mesmo contexto de ambigüidade que a construção com nominativo adverbial, provavelmente, influenciou a reanálise desse último, ou seja, a reinterpretação do predicativo em advérbio.

O que casos como esses parecem mostrar é que há uma reanálise do elemento, motivada por mecanismos morfossintáticos. Ou seja, há contextos morfossintáticos de ambigüidade, que acabam pressionando o elemento a assumir um valor de advérbio. Além disso, podemos ver pelo menos no caso do exemplo de *prorsus*, mecanismos de analogia, já que outras formas adverbiais em *-tus*, como *intus* (no interior de, interiormente), *penitus* (no fundo, profundamente) parecem pressionar a reanálise do adjetivo em advérbio.

Estamos considerando reanálise, juntamente com Langacker (apud Hopper e Traugott: 1993) como uma mudança na estrutura de uma expressão que não envolve intrinsecamente uma modificação na sua estrutura superficial. Como vimos, no capítulo relativo aos

²² Algo semelhante ocorre no grego antigo em construções como *héteron esti sofrosynes sofía* (Platão). Nesse contexto, o adjetivo *heteros* (diferente/outro) parece assumir função de predicativo do sujeito, mas, não concorda em gênero, número e caso com o sujeito, que está feminino singular de primeira declinação. O adjetivo assume forma neutra, o que caracterizaria o uso adverbializado do adjetivo (Horta: 1983). É curioso que mais uma vez o neutro entra no jogo da ambigüidade envolvida no processo de surgimento dos adjetivos adverbializados.

mecanismos de gramaticalização, em muitos casos, a reanálise envolve fusão (*tranquïla mente* > *tranquïlamente*) ou redistribuição ([I said *that*:] [John is coming.] > [I said] [*that* John is coming.]). Entretanto, estamos partindo do princípio de que há casos em que não há uma redistribuição em sentido mais restrito, mas uma mudança na organização sintagmática da sentença, implicando a mudança da função gramatical de um ou mais de seus elementos (Harris e Campbell:1995).

A presença de construções como essas em latim pode ser vista também em Jucá Filho (1945), que levanta a hipótese de serem estruturas com adjetivo invariável do tipo *custar caro* uma influência de alguns exemplos em latim: *caro constare* (custar caro), *carissime uendere* (vender caríssimo) e *uili emere* (comprar barato). Isso significa que algumas construções com adjetivo adverbializado que encontramos atualmente em português já existiam em latim.

Há ainda, no latim, interessantes usos de advérbios provenientes de substantivos²³. Nesses casos, temos substantivos que originalmente desempenhavam a função de aposto, modificando o sentido do sujeito da frase. Novamente, a análise é de Climent (1945):

(18) a. Mihi pecunia est, *satis*.
 Meu dinheiro é fartura
 DAT Sing NOM Sing Fem
 É meu dinheiro, uma fartura.

De acordo com Climent (1945), como esse aposto, de certo modo, equivale a outra oração, ele é atraído dentro da órbita da primeira oração, adquirindo valor adverbial: *em abundância*, *abundantemente*. Mais uma vez, temos um caso de reanálise, no qual o substantivo acaba assumindo valor de advérbio, sendo que, nesse caso, temos uma redistribuição.

Formações como essas, em que advérbios procedem de substantivos, são interessantes se pensarmos em construções do português atual. A primeira vista, parece estranha a passagem de um substantivo para advérbio, já que aquele é muito mais lexicalizado que este, afastando, por isso, os limites entre uma classe e outra. No entanto, na análise do *corpus* do

²³ De acordo com Climent (1945) esse desenvolvimento de substantivos em advérbios estaria ligado a casos de acusativo de conteúdo (semelhante ao que a nossa gramática tradicional chama de objeto direto interno: viver *uma vida longa*), em que o acusativo seria expresso por um substantivo proveniente de particípio passado (semelhante à construção portuguesa *correr uma corrida*). Ou seja, parece que há um valor adjetivo envolvido no processo.

Projeto Discurso & Gramática, encontramos o seguinte trecho de um relato de procedimento em que o entrevistador pede que o informante relate algo que ele saiba fazer:

(19) E: agora:: você sabe fazer alguma coisa? o quê? e conta pra mim como se faz isso que você sabe fazer...

I: bem... eu faço muito... o que eu gosto muito de... fazer porque... o pessoal fala que eu faço muito bem é salpicão de batata frita... bem... os ingredientes... tu pega... uma/ eh... a quantidade... de... de batatas... que () e corta... né? corta... de preferência **palito**... aí bota pra fritar... depois delas prontas... tu bota... numa vasilha... aí ali tu bota presunto picado... queijo picado... ervilha... milho... salsa e cebolinha... eh:: salsicha picada... eh:: ovo... cozido... picado... que mais? pode pôr... *ketchup* também... eh::... que mais? azeitona picada... cenoura ralada... e por último bota a maionese... aí mexe aquilo tudo... né? aí bota numa travessa... né? fica uma delícia...

Nesse caso, o falante deseja que a batata seja cortada de modo a parecer um palito, ou seja, fina, logo, temos um substantivo sendo empregado como advérbio de modo. É possível pensarmos que o falante partiu do composto *batata-palito*, no qual temos o uso de *palito* não mais como substantivo e sim como caracterizador adjetivo de palito.

Sendo assim, teríamos a trajetória esperada do mecanismo de gramaticalização.

substantivo > adjetivo > advérbio

Porém, dando continuidade à investigação, encontramos, na obra de João Cabral de Melo Neto (Melo Neto: 1975), preciosos exemplos:

(20) a. Onde quer que certos homens se sentem
sentam **poltrona**, qualquer o assento.

b. O vento, que por outras leva punhais
feitos no metal do gelo, agulhíssimos,
no Nordeste sopra **brisa**: de algodão,

Nesses casos do exemplo (20), nos pareceu claro o uso dos substantivos *poltrona* e *brisa* como advérbios de modo. Esses usos de substantivos com valor de advérbios parecem

ser o reflexo de uma tendência, na obra de João Cabral, de utilizar substantivos na função de qualificação, ou seja, não apenas como elementos caracterizadores de verbos, mas também de substantivos. A ocorrência de *agulhíssimos*, no exemplo 20b, para caracterizar o sintagma *punhais feitos no metal do gelo*, ilustra isso. Outros exemplos de substantivo qualificando outro substantivo encontrados em Melo Neto (1975) temos em *em mãos de barro de gente agricultura* e *amarelo vegetal*, apenas para citar alguns.

Casos mais populares de substantivos atuando em função adverbial encontram-se em textos relacionados à prática de esportes. Trata-se de exemplos como²⁴:

- (21) a. Nadar borboleta
b. Nadar peito
c. Nadar cachorrinho
d. Sacar viagem

Segundo o princípio da decategorização proposto por Hopper (1991), o processo de gramaticalização implica mudança categorial em que a forma lingüística perde marcas morfológicas ou privilégios sintáticos. Assim, se imaginássemos uma escala, comportando as classes de palavras, teríamos de um lado categorias plenas, como nomes e verbos, e de outro, categorias com características mais gramaticais, como conjunções e preposições.

substantivo e verbo > adjetivo > advérbio > conjunção e preposição

+ lexical + gramatical

Cabe mais uma vez registrar que Brinton e Tarugott (2002) consideram o advérbio como uma classe fechada, que apresenta características de elemento gramatical. Nesse sentido, segundo os autores, o desenvolvimento de advérbios constitui um caso de gramaticalização e não de lexicalização.

²⁴ Os exemplos 21a e 21b foram retirados do *site* www1.uol.com.br/cyberdiet/colunas/031205_fit_calorias.htm. O exemplo 21c, por sua vez, pode ser encontrado no *site* www.alzirazulmira.com/Alzirez/bichos.htm. Inclusive, a página busca explicar o significado de expressões que envolvam animais e explica que nadar cachorrinho é o mesmo que “nadar desajeitadamente, sem técnica”. A substituição do substantivo pelo advérbio é mais uma evidência do uso adverbial do termo *cachorrinho*. Já o exemplo 21d está registrado no *site* www.planetavolei.com.br.

Exemplos que demonstram um trajeto um pouco maior, fortalecendo a hipótese de que este fenômeno se aplica à teoria da gramaticalização, encontram-se em (22). Além das mudanças substantivo > adjetivo > advérbio e substantivo > advérbio, temos um terceiro caso menos freqüente que a mudança adjetivo > advérbio em que a forma nominal do verbo passou a assumir emprego de adjetivo e, por conseguinte, de advérbio, fazendo a trajetória verbo (particípio) > adjetivo > advérbio.

- (22) a. a gente namorava **escondido**
b. eles vivem... **separado**... em Belo Horizonte
c. estão jogando **errado**

Sobre isso, Hummel (2002a) observa que sintagmas como *falar gozado* e *falar errado* apresentam particípios largamente adjetivados e que pouco remetem aos seus verbos correspondentes. Já no caso de *jogar pesado*, segundo o autor, temos “uma expressão metafórica sintagmaticamente consagrada. Por fim, o autor menciona os sintagmas como *comer escondido* e *comprar separado*, em que os adjetivos apresentam forte relação com o verbo correspondente. Sobre esse último caso, Hummel (2002a) entende que:

(...) o falante aprende *comer escondido* e *comprar separado* como sintagmas independentes e, ao inseri-los numa frase, já não os relaciona com o sujeito ou objeto explícito da frase. Os sintagmas são tratados como se fossem verbos complexos.

Além disso, o autor observa que os adjetivos adverbializados oriundos de particípio são formas típicas do português do Brasil. No português de Portugal, o autor não documentou estruturas como essas.

4.3- O uso de adjetivos adverbializados em outras línguas

Sendo esse um fenômeno produtivo no latim vulgar, é natural encontrarmos nas línguas neolatinas como o português, espanhol, italiano e francês esse mesmo uso adverbial. Entretanto, o processo parece não ser exclusivo de línguas românicas, ocorrendo também em inglês e alemão.

Para a formação de advérbios em inglês, utilizamos, normalmente o sufixo *-ly*. Contudo, Palomanes Ribeiro (2006) afirma que, em alguns casos, os advérbios podem

aparecer sem esse sufixo, o que os torna exatamente iguais aos adjetivos. Segundo a autora, não é impossível que casos como (23) possam ser, algumas vezes, descritos como advérbios.

- (23) a. Danger, go slow. (Perigo, vá lento.)
b. She pays her rent regular. (Ela paga-lhe o aluguel pontual.)

Em alguns casos, como *fast* e *big*, uma única forma é usada tanto para adjetivo como para advérbio:

- (24) a. He is fast. (Ele é rápido.) Adjetivo
He walks fast. (Ele anda rapidamente) Advérbio
b. The house is big. (A casa é grande.) Adjetivo
He always thinks big. (Ele sempre pensa grande.) Advérbio

Situação semelhante ocorre no alemão, pois Palomanes Ribeiro (2006) explicita que, nessa língua, “os advérbios de modo e adjetivos predicativos aparecem do mesmo modo, o que torna difícil distingui-los em certos casos”. No entanto, afirma que, em exemplos como os que constam em (25), “os adjetivos aparentes não devem ser descritos como adjetivos, mas como advérbios”.

- (25) a. Sie haben * (den Fußballplatz) beleuchtet.
They have the soccer field illuminated. (Eles têm o campo de futebol iluminado.)
b. Sie haben * (die Patienten) ausgezogen.
They have the patients undressed. (Eles têm os pacientes despido.)
c. Sie haben * (das Fleisch) angebraten.
They have the meat at-roast. (Eles têm a carne assando.)

A autora comenta, ainda que construções como *cortar palito*, citada no exemplo (19), podem ser interpretadas por autores como Jackendoff (1990), Pustejovsky (1991) e Levin & Rappaport Hovav (1995) como construções resultativas falsas. Segundo eles, nas resultativas verdadeiras, o sintagma resultativo descreve um evento independente, não lexicalmente especificado pelo verbo, enquanto que nas falsas resultativas, o sintagma final não o descreve, mas modifica o estado final especificado lexicalmente pelo verbo.

4.4- O uso de adjetivos adverbializados e a gramaticalização

O que vimos até agora nos leva a algumas conclusões importantes para uma melhor compreensão da natureza dos adjetivos adverbializados. Em primeiro lugar, cabe mencionar o fato de que esses elementos não são uma exclusividade da língua portuguesa, já que encontramos adjetivos adverbializados inclusive em línguas de parentesco mais distante do português, como o inglês e o alemão.

Em segundo lugar, parece haver, uma regularidade do processo em termos de unidirecionalidade: adjetivos, em contextos específicos, se tornam advérbios²⁵. Mesmo em casos em que a origem primeira é um substantivo (*nadar borboleta*) ou uma forma verbal (*namorar escondido*), parece haver um momento intermediário na evolução dos usos do elemento em que ele assume valor de adjetivo. A única exceção disso está nos exemplos de João Cabral de Melo Neto (20a. e 20b.), em que temos uma linguagem poética, que o autor se utiliza de artifícios de estilo incomuns no uso que fazemos da língua no nosso dia-a-dia.

Alem disso, temos, nesses casos, processos de extensão de uso, que acarretam mudanças de sentido e decategorizações (Hopper: 1991), que fazem com que o adjetivo assumam novas funções e conseqüentemente novos comportamentos sintáticos. Esse processo de decategorização é veiculado por mecanismos de reanálise e analogia, que atuam sobre o elemento em determinados contextos morfossintáticos. É o que foi visto acima, com alguns exemplos do latim.

Os princípios de Hopper (1991) referente a camadas e divergência também se aplicam ao caso já que o adjetivo adverbializado coexiste com usos em *-mente* e apresenta uma polissemia que envolve não só a passagem de adjetivo para advérbio, mas também os usos de valor adjetivos (ver o caso do adjetivo *legal* no exemplo oito deste capítulo) e os usos com valor adverbial (ver o caso do advérbio *direto* no exemplo seis do capítulo três).

Em função disso, estamos partindo do princípio de que o surgimento de adjetivos adverbializados reflete um processo de gramaticalização²⁶. Mais especificamente, embora não apresente uma trajetória completa e prototípica em direção a uma classe prototipicamente gramatical como conjunções ou preposições, por exemplo, constitui uma mudança na direção

²⁵ Existem contra-exemplos a esse tipo de unidirecionalidade. É o caso de *Ela está meia cansada*, em que o advérbio *meio* vai para o feminino, concordando com o adjetivo. Nesse caso, entretanto, Votre (1992) vê um processo de regularização analógica, que segundo o autor, constitui um outro mecanismo de gramaticalização.

²⁶ Existem casos em que o advérbio já está tão gramaticalizado que a motivação para o seu surgimento já não é fácil de apontar. É o caso do advérbio *alerta*, que segundo Machado (1977), provém do italiano *all'erta*, de *erta*, subida. Segundo o autor, *all'erta* era voz de comando com que se ordenava aos soldados que se levantassem, permanecendo em guarda, no caso de ataque.

de uma categoria menos gramatical, que é o adjetivo, para uma mais gramatical, que é o advérbio. E para argumentar em favor dessa decisão, estamos utilizando a proposta de Brinton e Traugott (2002), segundo a qual os advérbios constituem uma categoria fechada.

Assim, propomos que, assim como ocorreu com o latim e com o grego antigo, conforme foi demonstrado anteriormente, os adjetivos adverbializados portugueses ocorrem em um contexto específico: estruturas sintáticas semelhantes à que caracterizam o uso do predicativo. Vejamos novamente o exemplo (9) apresentado em Hummel (2002a), citado neste trabalho no capítulo três:

(9) a. A senhora corre *feliz*.

Hummel (2002a) argumenta que o ouvinte dessa frase “julga saber que o estado ‘feliz’ do sujeito não poderá naturalmente deixar de se refletir na maneira de correr da senhora”. Isso significa que o próprio predicativo, como já havia ressaltado Cunha (1990), embora concorde com o sujeito e caracterize seu sentido, essa caracterização se dá através do verbo. Ou seja, o predicativo também modifica a ação expressa pelo verbo, assumindo um valor também adverbial.

Podemos acrescentar, juntamente com Martelotta e Processy (2006), que por não apresentar flexão, adjetivos como *feliz* apresentam uma certa ambigüidade, no sentido de que se pode decidir se apresentam função de predicativo ou de adjetivo adverbializado. Tomemos outro contexto de ambigüidade:

(26) a. Ela fala bonito.

b. Ele fala bonito.

No caso do exemplo (26b), também fica difícil observar a função do elemento *bonito*, já que ele poderia ser um adjetivo concordando em gênero e número com o sujeito (predicativo) ou um adjetivo adverbializado na forma não marcada que caracteriza o masculino singular no português.

O que estamos propondo aqui é um movimento de gramaticalização do tipo *overlap model*, proposto por Heine (2003), que se faz em três estágios:

- (i) Há uma expressão lingüística A que é recrutada para cumprir gramaticalização.
- (ii) Essa expressão adquire um segundo padrão de uso, B, que apresenta ambigüidade em relação a A.
- (iii) Finalmente A se perde, ou seja, agora há apenas B.

A estrutura com predicativo, em que o adjetivo concorda com o sujeito, representaria, no caso, o estágio (i). O estágio (ii), marcado pela ambigüidade seria representado por contexto como os exemplificados em (26a) e (26b), em que o adjetivo pode ser visto como concordando ou não. Finalmente, no estágio (iii) o adjetivo é reinterpretado como advérbio, permanecendo invariável, mesmo que o sujeito esteja no feminino e/ou no plural.

Esse processo, provavelmente foi motivado também pelo fato de haver uma relação semântica entre o predicativo e o advérbio, no sentido que ambos – mesmo o predicativo, como salientaram Cunha (1990) e Hummel (2002a) – modificam o verbo.

V – ANÁLISE DOS DADOS

Observamos a mudança de algo que era adjetivo e que, em contextos sintáticos específicos, passou a assumir valor semelhante ao de advérbio. Entendemos que, no fenômeno em análise, há um processo de gramaticalização. Assim, selecionamos algumas variáveis que possibilitem ratificar esse entendimento, tais como:

a) a frequência de tipo do adjetivo envolvido na mudança – já que elementos mais abstratos (Heine et al: 1991) e mais subjetivos (Traugott: 1995) tendem a sofrer mais facilmente o processo de gramaticalização do que aqueles cujo significado é mais preciso, esperamos encontrar mais adjetivos avaliativos sendo empregados adverbialmente;

b) a frequência de ocorrência dos adjetivos – entendemos que os adjetivos que permitem uso adverbial são mais frequentes no discurso do que aqueles que não possibilitam esse uso, tendo em vista que elementos mais frequentes sofrem mais facilmente o processo de gramaticalização;

c) a relação semântica entre o adjetivo adverbializado e o advérbio com sufixo *-mente* – acreditamos que na maioria dos casos, não existe correspondência semântica entre essas formas, contudo, nos casos em que existe, podemos entender que há, na verdade, a presença de camadas, conforme um dos princípios associado à gramaticalização proposto por Hopper (1991);

d) a posição em que o adjetivo adverbializado se apresenta na frase – tende a haver fixação de posição do adjetivo adverbializado logo após o verbo a que se refere, pois de acordo com o princípio de iconicidade (Givón: 1990), existe uma relação entre proximidade semântica e proximidade sintática;

e) a transitividade com que o verbo modificado pelo adjetivo adverbializado é empregado – supomos que o emprego dos verbos que sofrem modificação por adjetivos adverbializados seja, em maioria, intransitivo. Esse pode ser um dos fatores que facilita a cristalização de uma estrutura, uma vez que encurta a expressão;

f) o tipo semântico do verbo ao qual o adjetivo adverbializado se vincula – segundo Martelotta (2004), os advérbios qualitativos, classificação da maioria dos adjetivos adverbializados, tendem a modificar, mais comumente, verbos materiais. Por isso, esperamos encontrar esse tipo de verbo na maioria dos exemplos analisados;

g) a frequência dos verbos e adjetivo com os quais ocorre o fenômeno – a frequência de tipo dos adjetivos adverbializados é menor do que a dos verbos por eles modificados. Isso porque os elementos gramaticalizados tendem a formar uma série limitada;

h) a influência do nível de escolaridade, da idade e do grau de formalidade na produtividade do fenômeno – os elementos gramaticalizados costumam ser frequentes no discurso, logo, tendem a ocorrer, principalmente, na fala coloquial.

Cabe dizer que esta análise possui um cunho mais qualitativo do que quantitativo. Acreditamos que os exemplos observados, ainda que poucos, 167 dados, nos permitem tirar conclusões sobre o tema proposto. Assim, ressaltamos que as informações quantitativas, por estarmos tratando de um número relativamente pequeno de casos, estão a serviço das análises qualitativas.

5.1 – Os tipos de adjetivo

A classificação dos adjetivos deu-se por um critério semântico, baseado em Sales (2004), no qual foram considerados como avaliativos aqueles que apresentam uma característica passível de contestação, por ser de caráter subjetivo, como *bonito* e *caro*. Foram chamados descritivos os adjetivos que caracterizam, objetivamente, de forma “não contestável”, como *separado* e *escondido*. Vejamos um exemplo de cada um, retirado dos *corpora*:

- (1) a. ele não vingou porque cresceu **rápido** demais
b. não vieram **direto** para casa

Temos em (1a), *rápido* exemplificando os adjetivos avaliativos, isso porque o conceito de *rápido* e *lento* varia bastante de pessoa para pessoa, ou seja, apresenta um critério mais individualizado. Já em (1b), temos *direto* como um caso de adjetivo descritivo, isto é, no caso

exposto, é senso comum que os participantes da ação, antes de se dirigirem para casa, estiveram em algum outro lugar.

No que diz respeito à distribuição desses dois tipos de adjetivos nos *corpora*, os resultados obtidos foram os seguintes:

Quadro 2 – Tipo de adjetivo: avaliativo ou descritivo

Tipo de adjetivo	Número de adjetivos	%
Avaliativos	14	67
Descritivos	7	33
Total	21	

Como já mencionamos acima, a quantidade de ocorrências é muito pequena, o que impede que cheguemos a conclusões mais definitivas. Entretanto, acreditamos que esses poucos casos refletem algumas tendências gerais. Podemos ver que os adjetivos avaliativos, do tipo ilustrado em (1a), ocorreram em maioria no contexto de adjetivo adverbializado (67% do total), já os descritivos, do tipo apresentado em (1b) foram menos freqüentes (33% do total).

Independente do exemplo em que o adjetivo seja empregado como advérbio, ele mantém seu caráter avaliativo ou descritivo, por essa razão, esta análise foi feita sobre o número de adjetivos adverbializados catalogados nos *corpora*, ou seja, 21 itens diferentes, como indica o total no quadro 2. Este valor não deve se confundir ao número de exemplos gerados a partir desses adjetivos, que somam 167 ocorrências no total. Ou seja, o que estamos contando aqui é a freqüência de um determinado item lexical com valor de adjetivo adverbializado e não as várias ocorrências desse item.

Vale destacar que, antes de analisarmos esses resultados, nos preocupamos em observar a incidência de adjetivos avaliativos e descritivos nos *corpora* de forma geral. Buscamos, assim, demonstrar que os resultados encontrados não eram, na verdade, reflexo de uma maior freqüência de adjetivos avaliativos nos textos pesquisados. Dessa forma, tomamos por base uma amostra dos *corpora* e observamos que, em termos de freqüência de tipo, ocorre equilíbrio entre adjetivos avaliativos e descritivos.

A explicação para o fato de que há mais adjetivos avaliativos com valor adverbial está, provavelmente, em seu caráter mais abstrato e subjetivo. A gramaticalização é freqüentemente descrita como um caminho do léxico para gramática e, à medida que essa escala é percorrida,

a tendência é encontrarmos elementos mais abstratos (Heine et al: 1991) e mais subjetivos (Traugott: 1995). Assim, entendemos que os adjetivos avaliativos, devido a suas características semânticas, tendem a ser mais facilmente recrutados para o processo de gramaticalização.

5.2. A frequência dos adjetivos

Considerando que os elementos mais freqüentes tendem a se gramaticalizar mais facilmente, foram contabilizadas as freqüências de ocorrência dos itens lexicais adjetivos que sofrem a mudança aqui analisada e daqueles que bloqueiam esse uso. Assim, será possível comparar ambas as ocorrências, objetivando checar a hipótese de que os adjetivos que possibilitam uso adverbial são mais habitualmente empregados no discurso do que aqueles que não permitem.

Primeiramente, buscamos, nos *corpora*, todas as ocorrências dos 21 itens lexicais que tiveram seu uso recrutado para formar adjetivos adverbializados, sendo contabilizados seus empregos seja como substantivo, seja como adjetivo, no singular e plural, feminino e masculino, assim como no superlativo. Os resultados obtidos encontram-se a seguir.

Quadro 3 – Frequência de ocorrência dos itens lexicais recrutados para formar adjetivos adverbializados

	Empregado como adjetivo	Empregado como substantivo	Total
alto	77	26	103
baixo	48	34	82
barato	37	14	51
caro	57	1	58
certo	160	89	249
diferente	230		230
direito	30	136	166
direto	18		18
errado	47		47
escondido	8		8
fácil	58		58
firme	3		3
forte	38	5	43

	Empregado como adjetivo	Empregado como substantivo	Total
legal	141		141
normal	60	9	69
pequeno	293	10	303
perfeito	14	10	24
profundo	12		12
rápido	37		37
sério	47		47
separado	18		18

Em média, cada item recrutado para desempenhar função de adjetivo adverbializado foi empregado nos *corpora* cerca de 84 vezes, em sua maioria como adjetivo. Vale destacar que os usos adverbiais não fizeram parte dessa contagem, caso contrário, essa média subiria para 92 ocorrências.

Num segundo momento, foi selecionado o mesmo número de adjetivos, ou seja, 21, que bloqueiam o uso adverbial. Para tal, privilegamos aqueles citados por Lobato (2005) no item “Uso Categórico do Atributo com *-mente*” em que ela menciona os caso em que o uso adverbial será exclusivo da forma com sufixo *-mente*. Os adjetivos mencionados pela autora foram: *atento, clandestino, completo, cuidadoso, espetacular, estrondoso, fragoroso, heróico, orgulhoso, perigoso, produtivo, veloz e vertiginoso*.

Para selecionar os outros oito adjetivos restantes, visando completar o mesmo número de adjetivos adverbializados apresentados no quadro 3, levamos em conta a afirmação de Basílio (2002), segundo a qual os adjetivos primitivos e derivados em *-ado* e *-oso* são normais em uso adverbial, ao passo que os adjetivos em *-ico, -al, -ório* ou *-ivo* são, normalmente, utilizados em função descritiva e em situações mais formalizadas, fatores que dificultam o uso adverbial de adjetivos. Sendo assim, optamos pelos seguintes adjetivos: *trágico, fundamental, mortal, satisfatório, provisório, compulsório, criativo e agressivo*²⁷.

Os resultados dessa contagem seguem abaixo.

²⁷ No entanto, os resultados contrariam a afirmativa da autora e mostram que *legal* e *normal*, adjetivos em *-al*, sofrem a mudança categorial em estudo enquanto que outros derivados em *-oso*, inclusive apontados por Lobato (2005), como *cuidadoso, orgulhoso* e *perigoso* não apresentam instabilidade. Isso mostra que não existe essa restrição morfológica para que o fenômeno ocorra, como sugere Basílio (2002).

Quadro 4 – Frequência de ocorrência dos itens lexicais que não são recrutados para formar adjetivos adverbializados

	Empregado como adjetivo	Empregado como substantivo	Total
agressivo	5		5
atento			0
clandestino	2		2
completo	21	2	23
compulsório	4		4
criativo	1		1
cuidadoso	3		3
espetacular	7		7
estrondoso			0
fragoso			0
fundamental	17	7	24
heróico			0
mortal	2		2
orgulhoso	2		2
perigoso	21		21
produtivo	3		3
provisório	11	1	12
satisfatório	2		2
trágico	3		3
veloz			0
vertiginoso			0

O emprego desses itens lexicais ocorreu, em média, cinco vezes nos *corpora*, em oposição à média de ocorrência de 84 vezes dos itens recrutados para o uso adverbial. Em outras palavras, os adjetivos que apresentam instabilidade categorial são, em geral, muito mais frequentes no discurso do que os que, até então, não possibilitam a mudança.

Esses resultados nos permitem constatar a presença de mais um argumento no sentido de que o fenômeno em estudo é mais um caso de gramaticalização. Visto que, esse processo, conforme Heine (2003), se inicia, normalmente, com o aumento da frequência dos termos que, num segundo momento, ampliam seus contextos (extensão) e, muitas vezes, sofrem mudança de classe (de categorização).

5.3 – Relação entre o adjetivo adverbializado e o advérbio em *-mente*

Ao analisarmos a relação de sentido entre o adjetivo adverbializado e o advérbio correspondente com sufixo *-mente*, observamos a existência de três casos distintos, exemplificados pelas ocorrências abaixo:

- (2) as portas não se fecham **direito**
- (3) eu acho que ela fez **legal**
- (4) eles vieram mais **rápido**

Em alguns exemplos, essa correspondência é rejeitada. Isto é, em lugar de *fechar direito*, exemplo (2), o falante não diria *fechar direitamente*. Para tal afirmação, nos baseamos, primeiramente em nossa intuição de falantes nativos, além de levarmos em conta o fato de não encontrarmos exemplo algum desse tipo nos *corpora* analisados.

Na maioria dos casos, existe correspondência de formas, mas não de sentido. Como podemos ver, no exemplo (3), se fosse feita a substituição de *fazer legal* por *fazer legalmente*, teríamos o sentido da frase alterado. Uma vez que se entende em *ela fez legal* algo como *ela agiu bem*, ou seja, de forma adequada. Já se dissermos *ela fez legalmente*, esperamos que a pessoa tenha agido em conformidade com a lei.

Já no exemplo (4), podemos fazer a substituição de *vir rápido* por seu correspondente acrescido do sufixo *-mente* *vir rapidamente*, sem que, no entanto, haja mudança de significado na frase. Como observaremos a seguir, os resultados encontrados mostram que esses casos não representam muitas ocorrências nos dados.

Quadro 5 – Ausência ou presença de correspondência entre o adjetivo adverbializado e o advérbio com sufixo *-mente*

	Número de dados	%
Recusa o <i>-mente</i>	50	30
Muda de sentido	64	38
Mesmo sentido	53	32

Os advérbios que “rejeitam” a correspondência e os que não apresentam equivalência de sentido, como ilustram (2) e (3), respectivamente, representam, ao todo, 68% dos exemplos analisados. Sendo assim, fica claro que apenas na minoria dos casos (32%) é possível

substituir o adjetivo adverbializado e o advérbio correspondente em *-mente*, mantendo o sentido da frase.

Sobre a contagem deste item em análise, vale a pena destacar duas informações que contribuem com um entendimento mais detalhado dos resultados obtidos. A primeira é que fizemos a análise de cada exemplo, visto que um mesmo adjetivo adverbializado ora possibilitava essa alternância, ora não. Isso pode ser visto no trecho abaixo:

- (5) a. ela chegou pra ele e falou “ah:: mas vem cá... pô... teu pai que deve... deve ser cheio das influências...” não sei quê... eh::... como é que é? “qual::?”/ pra votar no cara... né?” ah::... vo/ “qual o número dele?” não sei quê... “quero votar...” tal... aí ele falou “votar? meu pai? cara... meu pai trabalha na bolsa... que () votar em quê?” entendeu? isso depois assim tipo.... ficou no carnaval... que era fevereiro... aí::... sei lá... abril... ela foi descobrir que/ falando do pai dele **direto**... foi descobrir que não era...
- b. eu posso me dirigir **direto** ao reitor

Quando o falante emprega o vocábulo *direto* em (5a), fica claro, pelas circunstâncias contextuais, que se trata da frequência com a qual a informante fala sobre o pai do namorado, seria o mesmo que dizer *falando do pai dele com frequência*. Sendo assim, nesse caso, não seria possível uma substituição de *direto* por *diretamente*. Já no exemplo (5b) é atribuído a *direto* a idéia de algo sem escalas ou intermediações. Neste último caso, é possível pensarmos em equivalência entre *direto* e *diretamente*, a saber, *eu posso me dirigir direto/ diretamente ao reitor*, não havendo aí comprometimento do sentido.

Dessa forma, o primeiro uso, exemplificado por (5a), foi classificado como recusando o sufixo *-mente*. Por outro lado, o uso mostrado em (5b) foi registrado como apresentando mesmo sentido que sua forma correspondente em *-mente*. Esses registros mostram que uma mesma forma pode apresentar mais de uma função, seria a chamada *extensão de sentido*.

A segunda informação sobre esta classificação possibilita pensar que o número de casos considerados como apresentando equivalência de sentido pode ser ainda menor que o encontrado. Isso é possível, se pensarmos que muitos exemplos considerados como apresentando equivalência, não apresentaram sua forma em *-mente* em todos os *corpora*. São casos como:

- (6) a. estou falando **sério** hein
- b. vivendo juntos, às vezes não dava certo e vivendo **separado** dá, né

Sério e separado, exemplos (6a) e (6b), foram enquadrados no grupo “mesmo sentido” por, aparentemente, possibilitarem a substituição pelo advérbio em *-mente* sem alteração de sentido. Contudo, as formas *seriamente* e *separadamente* não foram registradas sequer uma única vez, em contexto algum, nos *corpora*.

Ainda sobre uma possível equivalência entre o adjetivo adverbializado e seu correspondente com sufixo *-mente*, Hummel (2002a), após observar o emprego dos advérbios em *-mente* na língua falada coloquial no Brasil e em Portugal, concluiu que os advérbios em *-mente* são pouco utilizados. Segundo o autor, no Brasil, prefere-se *faço isso rápido* a *faço isso rapidamente*. Os advérbios em *-mente* são utilizados sim, mas como advérbios de frase (o tipo *felizmente não caiu*). Os advérbios de modo propriamente ditos, como *rapidamente*, são pouco frequentes.

A afirmativa de Hummel (2002a) de fato se comprova em nossas análises, pois o adjetivo adverbializado *rápido* ocorreu 12 vezes nos *corpora*, em contexto típico de adjetivo adverbializado, enquanto que o advérbio *rapidamente*, apenas nove vezes em todo os *corpora*. Sendo posto em porcentagens, não só considerando o adjetivo adverbializado *rápido*, mas também todos os outros que possibilitam essa comparação, temos que os advérbios em *-mente*, com equivalência de sentido, como *rapidamente*, por exemplo, são empregados 23% a menos que seus adjetivos adverbializados correspondentes.

5.4 – Posição em relação ao verbo

O uso de adjetivo com valor de advérbio faz com que os adjetivos adverbializados, percam flexão, tornando-se mais fixos. Por apresentarem essa característica, os adjetivos adverbializados são empregados, em sua maioria, logo após o verbo a que se referem.

Segundo Martelotta (2004), partindo do princípio de que os advérbios são termos de valor determinante, adotamos a hipótese de que eles devam ocorrer próximos aos elementos que modificam. Essa hipótese se relaciona com o princípio de iconicidade, mais especificamente ao subprincípio da proximidade (Givón: 1990), que propõe uma relação entre proximidade semântica e proximidade sintática. Nesse sentido, advérbios que se referem a aspectos mais essenciais da ação verbal, ocorrem mais próximos ao verbo. Assim, os advérbios qualitativos, que modificam o verbo, tendem a aparecer imediatamente próximos ao seu alvo.

Quadro 6 – Posição do adjetivo adverbializado em relação ao verbo²⁸

	Posição	Número de dados	%
(01)	V Aa	139	83,2
(02)	V X Aa	27	16,2
(03)	V X X Aa	1	0,6

(7) Mas eles estão namorando **firme** há meses.

(8) Me fala *isso* **direito**.

(9) brasileiro tem *emprego em Nova York* **fácil**...

A posição VAa representa a ocorrência de verbo seguido de adjetivo adverbializado, como mostra o exemplo (7), ao passo que a posição VXAa representa as sentenças com um elemento intercalado entre o verbo e o adjetivo adverbializado, exemplo (8). Casos como os ilustrados em (9) são mais raros, pois apresentam dois elementos entre o verbo e o adjetivo adverbializado, nesta análise, encontramos apenas um exemplo.

Quando, nos exemplos encontrados, o adjetivo adverbializado era empregado com intensificadores, consideramos como uma só unidade (um único sintagma):

(10) então ele ilude *mais rápido*... então... enrola *mais rápido*...

Desse modo, o exemplo (10) foi classificado na posição VAa e não VXAa.

É interessante observar que, em muitos casos, o elemento presente entre o verbo e o adjetivo adverbializado é de curta extensão, como, por exemplo:

(11) cada profissional que vê querer fazer *a coisa* **direito** e nem sempre a coisa é feita...

A curta extensão do elemento intercalado, no caso, *a coisa*, garante, de certa forma, a proximidade entre o verbo e o adjetivo adverbializado.

Martelotta (2004), em seu estudo sobre os advérbios *bem* e *mal* no português do Brasil, observa que a colocação desses advérbios após o verbo é quase categórica tanto no português arcaico quanto no atual. Nos poucos casos em que um elemento argumental ocorre

²⁸ Aa representa adjetivo adverbializado, V, o verbo e X, qualquer elemento que se coloque entre o verbo (V) e o adjetivo adverbializado.

entre o verbo e o advérbio, ele ocorre como pronome oblíquo, como em (12) ou como pronomes indefinidos de curta extensão, sobretudo *tudo* e *nada*, conforme ilustra (13):

(12) Feche-*os* *bem*.

(13) Misture *tudo* muito *bem*.

Nos casos aqui analisados, exemplos com pronome oblíquo não foram encontrados. Já em relação aos pronomes indefinidos, houve três exemplos com *tudo* e um com *nada*.

(14) a. coloca a lâmpada... e dá pra... acender... sai *tudo* **normal**...

b. ela não vai fazer *nada* **direito**

Além disso, um outro exemplo deve ser destacado, uma vez que o elemento argumental é, na verdade, um marcador discursivo e, por isso, não possui representatividade semântica²⁹.

(15) Ai Meu Deus, que, m... e ainda fala *assim*, **baixo**, sabe?

Em outros sete exemplos em que se encontra um elemento intercalado entre o verbo e o adjetivo adverbializado, encontramos o chamado *verbo leve* (Viotti: 2003). Isto é, trata-se de verbos que por consequência da grande frequência de uso e outros motivos, sofrem um processo de esvaziamento semântico. Assim, ele torna-se ainda mais dependente de seu complemento para ter significado.

(16) então eu chego... faço *amizade* **rapidinho**... e não esqueço dos meus amigos *não*...

O mesmo caso ocorre no exemplo que apresenta dois elementos intercalados entre o verbo e o adjetivo adverbializado. Como mostra o exemplo (9) transcrito abaixo.

(9) brasileiro tem *emprego em Nova York* **fácil**...

²⁹ Votre, Cezario e Martelotta (2004) caracterizam esse uso como “anunciador de uma função de complemento”, tomando o termo *complemento* em sentido suficientemente amplo para abarcar também casos de adjunto adverbial, predicativo, entre outros.

Os casos que não apresentam verbo seguido de adjetivo adverbializado representam minoria nesta análise, sendo apenas 17% do total. Se desconsiderássemos os exemplos que apresentam pronomes indefinidos, marcador discursivo e verbos leves, esse valor se reduziria a 10% das ocorrências.

Dessa forma, registramos uma forte tendência à fixação do adjetivo adverbializado logo após o verbo a que se refere. Mais uma vez, encontramos um traço indicador do processo de gramaticalização, tendo em vista que essa rigidez na posição facilita a formação de uma estrutura mais fixa, em última análise, mais gramaticalizada (Hopper e Traugott: 1993).

5.5 – Transitividade verbal

Para a análise da transitividade, tomamos por base as classificações existentes nas gramáticas tradicionais. Isto é, os verbos que não apresentavam objeto, na frase, foram classificados como intransitivos, ao passo que os que apresentavam complemento foram entendidos como transitivos.

Quadro 7 – Transitividade do verbo modificado pelo adjetivo adverbializado

	Número de dados	%
Verbos intransitivos	134	80
Verbos transitivos	33	20

(17) todo mundo *fala* **alto**, todo mundo fala ao mesmo tempo

(18) eles não se interessam em *fazer* **a coisa** **direito**...

Notamos que, grande parte das vezes, o verbo modificado pelo adjetivo adverbializado foi empregado intransitivamente na frase, como ilustra (17). Na minoria das vezes, catalogamos usos verbais transitivos, conforme mostra o exemplo (18).

Devemos observar que, entre os 33 casos em que o verbo foi empregado transitivamente, há sete casos como o exemplo (19).

(19) dão a desculpa que não *dão* **a aula** **direito**

Esse exemplo apresenta um *verbo leve*. Conforme dito anteriormente, são verbos que, por estarem esvaziados de carga semântica, possuem maior necessidade de um complemento.

Segundo Viotti (2003), as frases com verbos leves vão apresentar um significado do todo da sentença a partir do significado de suas partes. Dessa forma, o objeto dificilmente poderia ter sido omitido da frase.

Acreditamos que o emprego intransitivo do verbo facilita a cristalização da estrutura. Observamos que, como será mostrado no item 5.7 desta análise, nos casos tidos como expressões mais fixas, o emprego do verbo foi intransitivo. Além disso, esse uso encurta a expressão, fator que também facilita a cristalização.

5.6 – Os tipos de verbo

Buscamos analisar o tipo de verbo que mais freqüentemente se relaciona com o adjetivo adverbializado, assim como as motivações desse uso. Para tal, partimos da classificação utilizada em Martelotta (2004). O autor utiliza uma classificação elaborada com base em Scheibman (2001), que, por sua vez, baseia sua classificação em Halliday (1994) e Dixon (1991). A classificação aqui utilizada apresenta 10 diferentes tipos verbais:

1 – Verbos corpóreos – indicam ações ou processos que, de um modo direto ou indireto, implicam uma atividade fisiológica ou corpórea. Esses verbos podem expressar:

1.1 – Processos ou ações que implicam atividades fisiológicas propriamente ditas, ou seja, implicam movimentação interna do organismo e não apenas atitudes externas.

Exemplos: *comer, beber, fumar, bocejar, tossir, espirrar*, etc.

1.2 – Processos que indicam reações corpóreas ao ambiente.

Exemplos: *gripar, adoecer*, etc.

1.3 – Processos que indicam manifestações corporais conseqüentes de aspectos psicológicos.

Exemplos: *chorar, rir, ruborizar, tremer* (de medo), etc.

Em nenhum dos exemplos analisados, foi encontrado um verbo corpóreo vinculado a um adjetivo adverbializado. Contudo, a construção pode ocorrer em exemplos como *comer rápido, dormir pesado* ou *espirrar forte*.

2 – Verbos de atividade verbal – indicam toda e qualquer ação que implique necessariamente a utilização de palavras faladas ou escritas.

Exemplos: *falar, dizer, resmungar, reclamar, conversar, responder, anunciar, escrever*, etc.

Encontramos, nos *corpora*, exemplos com esse tipo de verbo:

(20) a. Eu não sei *dizer* **direito** o que que aconteceu

b. encontra brasileiro *falando* **alto** no cinema

3 – Verbos de sentimento – expressam emoções e desejos.

3.1 – Com sujeito como experienciador.

Exemplos: *gostar, amar, querer, precisar, etc.*

3.2 – Com alvo como experienciador.

Exemplos: *amedrontar, enraivecer, preocupar, intimidar, envergonhar, etc.*

Nos *corpora*, encontramos os seguintes exemplos com esse tipo de verbo:

(21) a. *gosto* deles **legal**

b. porque *querem* **RÁpido**... aproveitar o mais possível o tempo...

4 – Verbos de percepção – indicam percepção pelos sentidos corporais.

Exemplos: *olhar, perceber, sentir, notar, cheirar, etc.*

Com esse tipo de verbo encontramos, nos *corpora*, os dois exemplos a seguir:

(22) a. quem quiser *ver* **diferente** é porque não está querendo enxergar

b. vocês *sentem* de... de **diferente**

5 – Verbos de percepção/relacional – indicam a percepção que se tem de um sujeito não agente.

Exemplos: *cheirar* (a for cheira bem), *soar* (isso soa bem aos ouvidos), *parecer* (ela parece bem), etc.

Assim como os verbos corpóreos, nenhum exemplo com verbo de percepção/relacional foi encontrado. No entanto, mais uma vez, vale lembrar que a estrutura não é desprezada, visto que é possível em frases como *a for cheira gostoso* e *isso soa esquisito*.

6 – Verbos materiais – indicam ações e processos concretos e abstratos.

Esses processos se relacionam com atividades humanas e culturais, o que os diferencia dos processos que caracterizam os verbos existenciais, que serão apresentados mais à frente.

6.1 – Ações.

Exemplos: *fazer, ir, ensinar, trabalhar, usar, brincar, viver, etc.*

6.2 – Processos

Exemplos: *o arroz cozinhou, a porta bateu, o carro enguiçou, a água ferveu*, etc.

Encontramos, com verbos materiais, os seguintes exemplos nos *corpora*:

- (23) a. eu acho que ela sabe *comprar* **direitinho**... sim
b. as portas não se *fecham* **direito**

7 – Verbos de cognição – indicam atividade cognitiva.

Exemplos: *saber, pensar, lembrar*, etc.

Encontramos, nos *corpora*, alguns exemplos com esse tipo de verbo:

- (24) a. a pessoa não deve *pensar* **pequeno**... entendeu?
b. nem me *lembro* **direito**

8 – Verbos existenciais – indicam processos naturais, que ocorrem independentemente da vontade ou da atuação humana.

Exemplos: *existir, chover, acontecer*, etc.

Temos, nos *corpora*, um único exemplo com esse tipo de verbo:

- (25) comigo *acontece* totalmente **diferente**...

9 – Verbos relacionais – são os chamados por Halliday de:

9.1 – Relacionais intensivos (X é A).

Exemplo: *sara é esperta*.

9.2 – Relacionais circunstanciais (algo que é circunstancial, que muda).

Exemplos: *a feira é na rua tal, ele está em casa, amanhã é dia 10*.

Encontramos, nos *corpora*, mais uma vez, apenas um exemplo com verbo relacional:

- (26) eu *fico* trancada **direto**

10 – Verbos possessivos/relacionais – indicam posse material ou abstrata.

Exemplos: *possuir* (dinheiro), *ter* (habilidade), etc.

Com esse tipo de verbo, encontramos, nos *corpora*, os dois exemplos expostos a seguir:

(27) a. brasileiro *tem* emprego em Nova York **fácil**..

b. aquilo lhe *custava* **caro**

De acordo com as definições propostas acima, buscamos enquadrar os 60 diferentes verbos encontrados em nossos 167 dados em suas respectivas classificações. Assim, obtivemos o seguinte resultado:

Quadro 8 – Tipo semântico do verbo

Tipos de verbo	Número de verbos	%	Ocorrência de cada verbo	%
Atividade verbal	3	5	19	11,4
Sentimento	3	5	3	1,8
Percepção	2	3,3	4	2,4
Materiais	43	71,7	125	74,9
Cognição	5	8,3	11	6,6
Existenciais	1	1,7	1	0,6
Relacionais	1	1,7	1	0,6
Possessivos/relacionais	2	3,3	3	1,8
TOTAL	60		167	

Em relação ao quadro 8, sua primeira coluna de porcentagem é calculada sobre a variedade de verbos, ou seja, 60 itens. Já a segunda coluna apresenta porcentagens relativas ao número total de ocorrências geradas por esses verbos.

Podemos notar, o predomínio de verbos materiais, sendo modificados por adjetivos adverbializados, representando 74,9% dos exemplos encontrados. Não podemos desprezar o fato de os verbos materiais, por sua ampla definição, abarcarem a maioria dos verbos de forma geral nos *corpora* analisados. Contudo, Martelotta (2004), ao analisar os advérbios *bem* e *mal* afirma que os verbos materiais indicam ocorrências e ações concretas e abstratas, que podem ser qualificadas pelos chamados advérbios qualitativos. Tendo em vista que a maioria dos advérbios de origem adjetiva são de tipo qualitativo, o predomínio de verbos materiais coincide com a análise de Martelotta (2004).

5.7 – A variedade de adjetivos adverbializados que costumam modificar os verbos mais frequentes

Procuramos observar, nos exemplos catalogados, a diversidade de adjetivos e verbos encontrados e a relação entre eles. Os resultados foram os seguintes:

Quadro 9 – Variedade de adjetivos adverbializados e verbos por eles modificados

Variedade de adjetivos	21
Variedade de verbos	60
Total de exemplos	167

Em 167 exemplos, foram encontrados apenas 21 itens lexicais diferentes, utilizados como adjetivos adverbializados, o que mostra uma constante repetição no uso dessas formas. Esses resultados apontam, mais uma vez, o processo de gramaticalização. Já que o elemento gramaticalizado, em geral, constitui uma classe fechada, com número limitado de frequência de tipo, ou seja, neste caso, diversidade de adjetivos. Além disso, esses dados sugerem que a gramaticalização em direção à construção com adjetivo adverbializado ocorre com o advérbio e não com o verbo³⁰.

O mais freqüente deles é o vocábulo *certo*, tendo ocorrido em 28 dados. Vale destacar que, em 25 casos, ele foi empregado com o verbo *dar*, formando a expressão *dar certo*, conforme mostra (28).

(28) o filme acabou **dando certo**

Comportamento semelhante a esse foi observado em *alto*, já que, em 12 usos desse adjetivo adverbializado, apenas três não foram registros de *falar alto*. Por outro lado, o emprego de *direito*, o segundo adjetivo adverbializado mais freqüente, deu-se de outra forma. Tendo 24 usos, houve 10 casos de *negação+saber+direito*, como mostra o exemplo (29a) ou *negação+saber+X+direito*, sendo X um verbo, como ilustra (29b).

(29) a. até hoje eu **não sei direito**

b. eu **nem sei dizer direito** a você

Assim, conforme foi dito anteriormente, ainda que o verbo *saber* tenha sido o verbo que mais vezes foi modificado por *direito*, outros 17 verbos como *fazer* e *falar* também foram modificados por esse adjetivo adverbializado. Neste sentido, o emprego de *direito* diferencia-se do de *certo* e *alto* e assemelha-se ao de *direto* que, em 23 exemplos, apresenta nove casos de *ir direto*, mas também modifica outros 12 verbos.

³⁰ Lembramos que estamos utilizando a definição de Martelotta, Votre e Cezario (1996), que focaliza a passagem de um elemento lingüístico do léxico para a gramática.

Se por um lado os adjetivos adverbializados se repetem bastante, por outro, os verbos apresentam-se em maior variedade. Dentre os 60 verbos catalogados tem-se *dar*, *falar* e *ir* como os mais freqüentes, respectivamente. Sobre o verbo *dar*, já citamos seus 25 empregos como expressão *dar certo*, exemplo (28), apresentando apenas outros quatro usos diferentes. Os verbos *falar* e *ir* também não fogem a essa tendência, dentre os 13 empregos do verbo *falar*, nove usos foram *falar alto*, conforme apresenta (30a). Do mesmo modo, nove entre 10 empregos do verbo *ir* são de *ir direto*, como mostra (30b).

- (30) a. encontra brasileiro **falando alto** no cinema
b. eu fui de ônibus... eu **fui direto**

A maioria dos verbos, o equivalente a 65% do total, apresentou-se apenas uma vez, sendo modificado por adjetivo adverbializado, nos *corpora* consultados. Isto é, os verbos de maior freqüência de ocorrência, ou seja, maior número de exemplos, eram acompanhados, na maior parte das vezes, pelo mesmo adjetivo adverbializado.

Isso mostra que algumas estruturas podem ser tratadas como uma construção gramatical³¹, sejam elas mais livres ou com níveis mais altos de cristalização. Algumas dessas cristalizações envolvem o verbo, outras, o adjetivo. Fillmore, Kay e O'Connor (2003) chamam de *expressões idiomáticas substantivas* aquelas que são lexicalmente preenchidas, ou seja, apresentam menor mobilidade para a inserção de algum elemento. Trata-se de casos como *jogar sujo*; *passar batido*; *dormir picado*³²; *(não) dar certo*³³; e *vender/comprar/pagar/custar/sair barato/caro*³⁴.

Sobre esta última expressão, é interessante notar que apesar de cristalizada, aceita grande variedade de substituição de verbos. Trata-se de uma construção do tipo *X caro/barato* em que *X* é um verbo típico do que Fillmore (apud Miranda: 2000) chama de cena comercial, que, normalmente, se caracteriza pela compra/venda de mercadorias.

Outras expressões são chamadas por Fillmore, Kay e O'Connor (2003) de *expressões idiomáticas formais* e apresentam padrões sintáticos dedicados a propósitos semântico-pragmáticos. Seriam casos como os que foram citados mais acima:

³¹ Fizemos aqui uma análise muito superficial do fenômeno com base na teoria das construções gramaticais. Pretendemos, com a continuação do trabalho, abordar o fenômeno com base nessa perspectiva teórica.

³² *jogar sujo*, *passar batido* e *dormir picado* são exemplos tirados de Hummel (2002a)

³³ No que diz respeito à expressão *dar certo*, vale dizer que não encontramos *dar errado*, o falante prefere dizer *não dar certo*.

³⁴ Encontramos registros de que construções do tipo *vender/comprar/pagar/custar/sair barato/caro* já existiam em latim.

negação+saber+X+direito, sendo *X* um verbo, como mostrou o exemplo (29b); *X direto*, em que *X* é um verbo de movimento, como *ir direto*, *vir direto*, *passar direto*. Hummel (2002a) cita, ainda o caso de *falar X*, podendo ser *X* uma série de adjetivos adverbializados, tais como *alto*, *baixo*, *claro*, *errado*, *grave*, *suave*, etc.

5.8 – Fatores de motivação extralingüística

Tendo em vista que, segundo Hummel (2002a), em línguas como italiano e francês, por exemplo, o fenômeno é mais produtivo na fala coloquial de falantes menos escolarizados e, segundo o autor, o português brasileiro apresenta esse mesmo comportamento, buscamos observar se, na fala do Rio de Janeiro, essa tendência realmente se confirma.

Quadro 10 – Grau de escolaridade do falante

Corpus D&G			
Grau de escolaridade	Total absoluto de adjetivos adverbializados	Média a cada 100 palavras	Número de palavras
Ensino Superior	12	0,07	18.365
Ensino Médio	12	0,07	18.205
8ª série do Ensino Fundamental	17	0,13	13.394
4ª série do Ensino Fundamental	7	0,03	22.601
C.A. supletivo	8	0,12	6.896
C.A. infantil	1	0,02	6.625
Total	57	0,07	86.086

Tendo em vista que apenas o *corpus* Discurso & Gramática oferece diferentes graus de escolaridade, possibilitando, assim, comparação entre eles, optamos por reter esta análise apenas nesse *corpus*. Conseqüentemente, há um número muito pequeno de ocorrências para se chegar a conclusões mais definitivas, entretanto, algumas tendências podem ser delimitadas. Considerando o tamanho desigual do *corpus*, em relação a cada nível escolar, as médias foram calculadas sobre o número de palavras contidas em cada seção do *corpus*.

Conforme mostra a quadro 10, temos um equilíbrio entre os estudantes dos Ensinos Médio e Superior. Talvez isso se deva ao fato dos informantes de Ensino Superior, ainda que próximos da conclusão se seus cursos, estarem em formação. Notamos uma maior incidência no uso de adjetivos adverbializados entre falantes de oitava série do Ensino Fundamental e

C.A. supletivo, que abrange adultos em fase de alfabetização, ou seja, informantes de baixa escolaridade. No entanto, o C.A. infantil e a quarta série do Ensino Fundamental, contrariando o esperado, não apresentam altas taxas de ocorrência do fenômeno.

Os resultados nos motivam a pensar que um outro fator interfere nesses dados: o fator idade. Para analisar com maior precisão essa questão, observaremos, no quadro 11, a média de idade dos informantes do *corpus* Discurso & Gramática.

Quadro 11 – Média de idade do falante

Corpus D&G		
Grau de escolaridade	Variação de idade	Média de idade
Ensino Superior	22 a 26	23,6
Ensino Médio	16 a 22	18,2
8ª série do Ensino Fundamental	14 a 18	15,2
4ª série do Ensino Fundamental	9 a 15	11,3
C.A. supletivo	15 a 42	24,2
C.A. infantil	6 a 9	7,2

A segunda coluna do quadro 11 (variação de idade) apresenta a menor e a maior idade encontrada entre os falantes de cada grupo de escolaridade. Já a terceira (média de idade), mostra a média de idade de cada grupo. De alguma forma, a idade dos informantes influencia o uso de adjetivos adverbializados. Comparando os resultados obtidos entre C.A. infantil e supletivo, grupos de igual escolaridade, notamos que há grande diferença entre a faixa etária (média de 24,2 anos no C.A. supletivo e 7,2 no C.A. infantil). Essa diferença de idade parece estar relacionada a uma diferença na frequência do uso adverbial de adjetivos (0,12 para o C.A. supletivo e 0,02 para o C.A. infantil).

Assim, tendo em vista o cruzamento desses dois fatores, nos parece adequada a comparação entre C.A. supletivo e Ensino Superior. Já que, no primeiro caso, podemos dizer que temos falantes de baixa escolaridade, enquanto que, no segundo, falantes considerados mais cultos. Ao mesmo tempo, ambos os grupos apresentam médias de idade muito próximas.

Dessa forma, nossos resultados indicam que os falantes adultos menos escolarizados usam, em média, 0,12 adjetivo adverbializado a cada 100 palavras, ao passo que os mais escolarizados, 0,07. Considerando o número de palavras do *corpus* pesquisado, a diferença entre um grupo e outro não pareceu relevante, já que a diferença numérica se mostrou pequena. Desse modo, com base na amostra analisada, não nos é possível afirmar que o nível de escolaridade do falante seja um fator determinante para o uso de adjetivos adverbializados.

Outra questão levantada por Hummel (2002a) é referente ao nível de formalidade da elocução. Segundo ele, haverá maior incidência de adjetivos adverbializados em contextos mais informais. A fim de checar essa afirmativa, comparamos os informantes do Ensino Superior dos *corpora* Discurso e Gramática, de caráter mais informal, e os do Nurc, que apresenta maior formalidade.

Quadro 12 – Nível de formalidade da elocução

Grau de escolaridade	Corpus	Total absoluto de adjetivos adverbializados	Média a cada 100 palavras	Número de palavras
Ensino Superior	NURC (+ formal)	110	0,04	287.246
Ensino Superior	D&G (+ informal)	12	0,07	18.365

Mais uma vez, as porcentagens foram calculadas com base no número de palavras de cada seção, para que se evite a influência do tamanho dos *corpora*. Como o *corpus* Nurc é formado apenas por falantes de nível superior, todo ele foi contabilizado nesta análise, ao passo que, do *corpus* Discurso & Gramática foram contabilizados apenas os falantes de nível superior.

Ao compararmos os totais apresentados sobre os *corpora* informal e formal, temos um emprego ligeiramente maior de adjetivos adverbializados no *corpus* informal, ou seja, em média, 0,07 a cada 100 palavras par 0,04 no *corpus* formal. Contudo, mais uma vez, a diferença entre um uso e outro, ao menos na amostra analisada, não se mostrou significativa.

Assim, ainda que nossos dados indiquem que fala coloquial de falantes adultos menos escolarizados o fenômeno tenha apresentado uma frequência um pouco maior, não nos comprometemos a afirmar que esses fatores sejam determinantes para o emprego de adjetivos adverbializados.

VI – CONCLUSÃO

Buscamos neste trabalho analisar, a partir da perspectiva funcionalista, as estruturas em que adjetivos apresentam comportamento adverbial. Objetivamos avaliar os fatores que, de alguma forma, condicionam esse tipo de ocorrência. Buscamos mostrar, com base nos resultados encontrados, que a mudança categorial em estudo reflete movimentos morfossintáticos típicos de mecanismos de gramaticalização, que levam o adjetivo, elemento associado ao léxico, a assumir valor de advérbio, que alguns autores consideram mais gramatical.

A partir dos resultados obtidos, podemos afirmar que os adjetivos avaliativos são, de fato, mais freqüentes que os descritivos no contexto oscilante entre adjetivos e advérbios, uma vez que representam 67% do total de adjetivos. Esse ponto fortalece a idéia de que o fenômeno em questão enquadra-se em um processo de gramaticalização, visto que é esperado que termos mais abstratos, como os adjetivos avaliativos, sofram mais facilmente esse processo.

O segundo ponto analisado contabilizou, nos *corpora*, a freqüência de ocorrência dos adjetivos que sofrem a mudança categorial e dos que não sofrem, seja seu uso como adjetivo, seja como substantivo. Em relação a esse aspecto, mais uma vez, confirmamos a hipótese de que os adjetivos que sofrem o processo em análise são mais freqüentes no discurso do que aqueles que bloqueiam o uso adverbial. O resultado está dentro do esperado, já que elementos mais freqüentes tendem a se gramaticalizar mais facilmente.

Outra questão observada foi uma possível equivalência entre o adjetivo adverbializado e o advérbio correspondente com sufixo *-mente*. Tendo sido comprovado que, em 68% dos casos, essa variação não apresenta correspondência semântica. Sobre os 32% dos casos que possibilitam essa alternância sem variação de sentido, podemos entender que há competição entre as formas, ou seja, a existência de camadas, conforme um dos princípios associado à gramaticalização proposto por Hopper (1991).

Em relação à posição, os adjetivos com valor de advérbio se mostraram, em aproximadamente 83% dos casos, em posição mais fixa, ou seja, imediatamente após o verbo a que se referem. A posição mais fixa na sentença indica mais uma característica da gramaticalização. Além disso, segundo o princípio de iconicidade (Givón: 1990) existe uma relação entre proximidade semântica e proximidade sintática. Dessa forma, os advérbios qualitativos, que modificam o verbo, tendem a aparecer imediatamente próximos a ele.

Observamos, ainda, que, em 80% dos casos, o verbo modificado pelo adjetivo adverbializado foi empregado intransitivamente, ou seja, sem a presença do objeto na frase. Isso propicia a cristalização de certas expressões que são formadas por verbo e adjetivo adverbializado. Acreditamos que a diminuição de elementos em uma expressão facilita sua cristalização e popularização, fatores associados ao processo de gramaticalização.

Os verbos materiais são os mais freqüentemente modificados por adjetivos adverbializados, tendo ocorrido em, aproximadamente, 75% dos exemplos catalogados. Notamos que o caráter adverbial assumido pela maioria dos adjetivos que sofrem essa oscilação de classe tende a ser qualitativo. Dessa forma, o resultado encontrado está em conformidade com a afirmativa de Martelotta (2004) de que os advérbios qualitativos tendem a modificar, mais comumente, verbos materiais.

No que diz respeito à variedade de verbos e adjetivos observados, encontramos apenas 21 adjetivos diferentes, modificando 53 verbos. Sobre esse resultado destacamos que os verbos que mais se repetiram apresentavam, na maioria das vezes, o mesmo adjetivo adverbializado, formando, na verdade, uma estrutura pouco flexível, como *dar certo*, por exemplo. Mais uma vez, o resultado ratifica nosso embasamento teórico, já que elementos gramaticalizados costumam formar uma série fechada de elementos.

Com exceção da variável idade, os fatores de motivação extralingüística não se mostraram relevantes em relação ao fenômeno. A tendência observada por Hummel (2002b), em outras línguas neolatinas, de que o baixo grau de escolaridade e o discurso informal propiciam um maior emprego de adjetivos adverbializados não se evidenciou nos nossos dados.

Como se vê, cada uma das hipóteses propostas no presente trabalho objetivam oferecer ao leitor indícios de que a mudança categorial de adjetivos para advérbios atende a um processo mais geral das línguas característico de gramaticalização. Ainda que o número de dados analisados não tenha sido muito amplo, as porcentagens obtidas ratificaram nossa proposta, indicando algumas motivações para o uso de adjetivos adverbializados.

Sem pretensão de exaurir o tema, esperamos que esses resultados tenham contribuído para um melhor entendimento do fenômeno de instabilidade categorial entre adjetivos e advérbios.

VII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIÃO, Pedro. *Tradições clássicas da língua portuguesa*. Porto Alegre: J. Pereira da Silva Editor, 1945.

BARRETO, Mário. *Novíssimos estudos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença/Fundação Casa de Rui Barbosa/ INL, 1980.

BASÍLIO, Margarida. Flutuação categorial de base adjetiva do português falado. In: ILARI, Rodolfo. (org.). *Gramática do português falado vol. II: níveis de análise lingüística*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BRINTON, Laurel J. e TRAUGOTT, Elizabeth C. *Lexicalization versus grammaticalization revisited*. MLA, 2002 (mimeo)

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian D. e JANA, Richard D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell. 2003.

CÂMARA Jr, J. Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática referente à língua portuguesa*. Rio de Janeiro: IOZON+EDITOR, 1968.

CARDOSO, Wilton e CUNHA, Celso. *Português através de textos*. Belo Horizonte: Bernardo Alves, 1970

CASTILHO, Ataliba T. de. Advérbios qualitativos no português falado. In: *Separata del Boletín de Filología Homenaje a Ambrosio Rabanales Tomo XXXVII*. Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Departamento de Lingüística, p. 271-300. 1988 – 1999.

CLIMENT, M. Bassols de. *Sintax histórica de la lengua latina. Tomo I: introducción, género, número, casos*. Barcelona: Instituto Antonio de Nebrija, 1945.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FAE, 1990.

CUNHA, Celso Ferreira da e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da, OLIVEIRA, Mariângela Rios de, MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.) *Linguística funcional teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DIXON, R. M. W. *A new approach to English grammar, on semantic principles*. Oxford: Clarendon Press, 1991

FILLMORE, Charles J., KAY, Paul e O'CONNOR, Mary C. Regularity and idiomacity in grammatical constructions. In: TOMASELLO, Michael (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure: Vol 2*. New Jersey/ London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2003.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: Vol I*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: A functional-typological introduction, Vol. II*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GIVÓN, Talmy. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GOLDBERG, Adelle. *Construction: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago/ London: The University of Chicago Press. 1995.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2.ed. London: Edward Arnold, 1994.

HARRIS, Alice C. e CAMPBELL, Lyle. *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D. e JANA, Richard D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell. 2003.

HEINE, Bernd e KUTEVA, Tania. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: A conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J. Emergent Grammar. In: TOMASELLO, Michael (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey/London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1998.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C. e HEINE, Bernd (eds). *Approaches to grammaticalization Vol. 1: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991.

HOPPER, Paul J. e TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

HUMMEL, Martin. Considerações sobre os Tipos *Ela Fala Esquisito* e *Ela Chega Cansada* no Português Coloquial e Literário do Brasil e de Portugal. In: *Confluência*, revista do Instituto de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, 2002a.

_____. “A conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica”, *Actas do Sexto Congresso da AIL – Associação Internacional de Lusitanistas* (Rio de Janeiro, 08 a 13 de agosto de 1999), http://www.geocities.com/ail_br/ail.html. 2002b

ILARI, Rodolfo et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do português falado: a ordem. Vol. I*. São Paulo: Editora da UNICAMP/ FAPESP, 1996.

JACKENDOFF, Ray. *Semantic structures*. Cambridge, MA and London: The MIT Press. 1990.

JACOB, Daniel. *Gramaticalização e graus de gramaticidade: da função primária à autonomia gramatical*. UFRJ: Palestra apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2004.

JUCÁ FILHO, Candido. *Gramática histórica do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Epasa, 1945.

LEHMAN, Christian. *Theory and method in grammaticalization*. 2005. Disponível em http://www.uni-erfurt.de/sprachwissenschaft/personal/lehmann/CL_Publ/Theory&method_in_grammaticalization.pdf. Acesso em 23.set. 2005.

LEHMAN, Christian. *New reflections on grammaticalization and lexicalization*. 2002. Disponível em http://www.uni-erfurt.de/sprachwissenschaft/personal/lehmann/CL_Publ/New_reflections.pdf. Acesso em 16. fev. 2006.

LEVIN, B. e RAPPAPORT HOVAV, M. Unaccusativity. At the Syntax-Lexical Semantics Interface. Cambridge/ Massachusetts: The MIT Press, 1995.

LOBATO, Lucia. Sobre o Suposto Uso Adverbial de Adjetivo: a questão categorial e as questões da variação e da mudança lingüística. (mimeo), 2005.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

MAGNE, Augusto. *A demanda do santo graal. Vol III: glossário*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1944.

MARTELOTTA, Mário E. *Reflexões sobre a ordenação de advérbios*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005 (mimeo)

MARTELOTTA, Mario E. Advérbios qualitativos em cartas familiares do século XIX. In: LOPES, Célia Regina dos S. (Org.). *A norma brasileira em construção: fatos lingüísticos em*

cartas pessoais do século XIX. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005.

MARTELOTTA, Mário E. *Ordenação dos advérbios bem e mal no português escrito: uma abordagem histórica*. Rio de Janeiro: UFRJ (Relatório final apresentado ao CNPq), 2004.

MARTELOTTA, Mário E. *A mudança lingüística*. Natal: Palestra apresentada na UFRN, 2003 (mimeo).

MARTELOTTA, Mário E. e PROCESSY, Wendel. *Os advérbios em latim*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006 (mimeo).

MARTELOTTA, Mario E. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. 1994, 238 p. Tese (Doutorado em Lingüística) UFRJ. Rio de Janeiro.

MARTELOTTA, Mário E. e FREDERICO, Elaine S. *Os usos do vocábulo mesmo e suas flexões*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005 (mimeo).

MARTELOTTA, Mário E. e SILVA E SILVA, Edna Inácio da. Gramaticalização dos usos do vocábulo *mal*. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, n.3, p. 165-174. 1997.

MARTELOTTA, Mario E., VOTRE, Sebastião J. e CEZÁRIO, Maria M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996.

MARTIN, J.W. Gênero?. In: *Revista Brasileira de Lingüística*. N. 2, ano 1. Petrópolis: Vozes, 1975a.

_____. Concordância. In: *Revista Brasileira de Lingüística*. Vol. 2, n. 2. Petrópolis: Vozes, 1975b.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa: de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesias completas: 1940-1965*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

MIRANDA, Neusa Salim. *A configuração das arenas comunicativas no discurso institucional: professores versus professores*. 2000, 196 p. Tese (Doutorado em Educação) UFMG. Belo Horizonte.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de e VOTRE, Sebastião (orgs.). *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro - materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. (inédito).

PALOMANES RIBEIRO, Roza Maria. *Construções gramaticais: uma nova abordagem teórica sobre as resultativas do português com o verbo ficar*. 2006. 90 p. Exame de qualificação (Doutorado em Lingüística). UFRJ. Rio de Janeiro.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva: curso superior*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática histórica*. 8. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

PERINI, Mário A. *Sintaxe portuguesa: Metodologia e funções*. São Paulo: Ática, 1989.

PUSTEJOVSKY, James. *The syntax of event structure*. *Cognition* 41. p. 47-81, 1991

REIS, Maria Carolina F. *Sintagmas adjetivais e sintagmas nominais em função adverbial: a questão dos traços de concordância*. Belo Horizonte: UFMG, 1997. (Dissertação de Mestrado em Lingüística).

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

SALES, Suelen. A semântica dos adjetivos no discurso publicitário. In: *Inicia, coletânea de trabalhos da graduação em Letras da UFRJ*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004.

SARMIENTO, Ramón e SÁNCHEZ Aquilino. *Gramática básica del español norma y uso*. Madrid: SGEL, 1989.

SCHEIBMAN, Joanne. Local patterns of subjectivity in person and verb type in American English conversation. In: BYBEE, Joan e HOPPER, Paul. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

SILVA e SILVA, Edna Inácio da. *As tendências de ordenação do advérbio mal: uma análise diacrônica*. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado. 2001.

SILVEIRA, Souza da. *Lições de português*. Coimbra: Atlântida, 1952.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

TARBOR, Whitney e TRAUGOTT, Elizabeth C. Structural scope expansion and grammaticalization. In: RAMMAT, Anna G, e HOPPER, Paul J. *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1998.

TRAUGOTT, Elizabeth C. Constructions in grammaticalization In: JOSEPH, Brian D. e JANA, Richard D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

TRAUGOTT, Elizabeth C. e DASCHER, Richar B. *Regularity in semantic change*. Cambridge, Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth C. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Stanford: Department of Linguistics, Stanford University. 1995 (Mimeo).

TRAUGOTT, Elizabeth C. & HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization Vol 1: Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam: Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, Elizabeth C. e KÖNIG, Ekkehard. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: Traugott e Heine ed. *Approaches to grammaticalization, Vol 1: Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1991.

VIDAL, Rosângela Maria Bessa. *A instabilidade categorial do advérbio e do adjetivo na visão funcionalista*. Natal: UFRN, 2000. (Dissertação de Mestrado em Lingüística aplicada).

VILELA, Mário. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2ª edição, Coimbra: Livraria Almedina, 1999.

VIOTTI, Evani. A composicionalidade nas sentenças com o verbo ter. In: MÜLLER, Ana Lúcia, NEGRÃO, Esmeralda V; FOLTRAN, Maria José (orgs.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003.

VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura e MARTELOTTA Mário Eduardo. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.

VOTRE, Sebastião Josué. *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: UFRJ (mimeo), 1992.